

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA EM LETRAS

TIAGO MATEUS PEREIRA SEVERO

O INCONFORMISMO DO RAP DE *FACÇÃO CENTRAL*:

Suas representações da **realidade** na periferia

PORTO ALEGRE – RS

2018

TIAGO MATEUS PEREIRA SEVERO

O INCONFORMISMO DO RAP DE *FACÇÃO CENTRAL*:

Suas representações da **realidade** na periferia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Augusto Bonifácio Leite

PORTO ALEGRE – RS

2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Doraci Pereira Severo e Milton Luiz Severo, por me apoiarem sempre que precisei, principalmente em momentos difíceis dessa trajetória acadêmica.

Ao meu irmão Aécio Severo, pelo companheirismo, pela compreensão e por sempre acreditar no meu potencial, além de seus ensinamentos sobre a História.

À minha companheira Eduarda Schuck, pelo carinho, pelo sentimento que carrega por mim e por sua total dedicação aos valores que acredita.

A todos os amigos, principalmente os do Humaitá, por cada conversa fiada e cerveja compartilhadas à mesa de um bar.

Ao meu orientador Guto Leite, pelo total apoio de sua orientação para a realização deste trabalho, que é tão significativo para mim.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (preso injustamente), por implementar políticas públicas de cotas para pobres estudar em universidades; sem elas, eu não estaria aqui.

A todos aqueles professores desse país que buscam um ensino digno para os seus alunos, além de acreditar na emancipação humana e na transformação social mediante a educação.

Por fim, a todos que participam, ativa e verdadeiramente, de movimentos sociais e populares por acreditarem numa mudança social que visa o pleno Estado democrático de direito, onde há respeito às diferenças e aos Direitos Humanos.

Gratidão!

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo principal de apresentar e discutir as representações da realidade na periferia, o que inclui a violência estrutural e simbólica às pessoas marginalizadas da sociedade, conforme a análise do grupo de rap *Facção Central*. A realidade é compreendida e constituída pelos seres humanos mediante o mundo da vida cotidiana (aqui e agora), portanto a realidade é relacional, já que os seres humanos constroem a realidade e são influenciados por ela concomitantemente. A realidade da periferia convive com um quadro muito desigual em relação a outros bairros do espaço urbano, sendo composta pela pobreza, pela miséria, pelo desemprego, pelo racismo, pela violência - esta repleta de casos como homicídios, tráfico de drogas, assaltos, repressão policial; porém, há também cultura e potencialidade na periferia.

Palavras-chave: Realidade. Periferia. Rap. Violência.

ABSTRACT

This article has the main purpose of presenting and discussing representations of reality inside the ghettos, which include the symbolic and structural violence towards marginalized people in society, as seen according to the analysis of rap collective *Facção Central* (here and now). Reality is comprehended and constituted by human beings through the world of everyday life; thus, reality is relational, since it is built by human beings at the same time it influences them. The reality of the ghettos, coexisting with a much uneven prospect related to other neighborhoods of the urban space, is composed by poverty, misery, unemployment, racism and violence – the latter filled with occurrences such as homicides, illegal drug trafficking, robbery and police misconduct. However, culture and potentiality also exist inside the ghettos.

Keywords: Reality. Ghettos. Rap. Violence.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 REALIDADE: ALGUMAS ACEPÇÕES.....	8
2.1 Realidade na periferia.....	12
2.2 Periferia	14
3 SURGIMENTO DO RAP NACIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS.....	19
4 APRESENTAÇÃO DO <i>FACÇÃO CENTRAL</i> E O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DE SEU SURGIMENTO	25
5 A REALIDADE DA PERIFERIA E SUAS ORIGENS CONFORME <i>FACÇÃO CENTRAL</i>	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS	51

1 INTRODUÇÃO

O rap é uma manifestação artística e política das periferias, que busca mostrar-nos, com letras contundentes, a realidade e a verdade sobre o que acontece cotidianamente nas periferias dos grandes centros urbanos do Brasil. A periferia, por ser o lado mais fraco na relação social de poder, sofre as graves e violentas consequências da desigualdade social e da exploração econômica e política, além do descaso praticado pelas classes dominantes para a criação e implementação de políticas públicas em educação, moradia, saúde e segurança. Dessa forma, o rap é contra a opressão que faz a periferia chorar e sangrar pelos seus corpos ensanguentados caídos ao chão; o rap tem a missão de fazer a busca pela informação contra a manipulação da realidade na periferia. O rap é a “peste negra” que contamina o sistema vigente, corroendo as suas estruturas, com o intuito de revolucionar com a utilização de todas as “armas” possíveis à disposição do favelado: o diálogo, a tomada de consciência, a autoafirmação, a união do coletivo e a arte.

Com tudo isso, este trabalho tem o objetivo principal de apresentar e discutir as representações da realidade na periferia, o que inclui a violência estrutural e simbólica às pessoas marginalizadas da sociedade, conforme a análise do grupo de rap *Facção Central*. Este grupo foi escolhido para objeto de análise, visto que é um dos grupos que é relativamente pouco conhecido fora da cena do rap no Brasil; além disso, eles apresentam um discurso inconformista, brutal e cruel em relação à periferia e à sociedade como um todo - o que se acredita que seja um rap “cantado com o coração” e busca verdadeiramente a emancipação social, política, econômica e cultural de seus semelhantes (o pobre, o negro, o trabalhador) da periferia, os tornando em sujeitos do processo simbólico. Além disso, este presente trabalho terá o objetivo de fazer algumas acepções para discutir, teoricamente, o que seria o conceito realidade, apresentar o termo periferia, expor o surgimento do rap nacional brasileiro e relacioná-lo ao seu contexto histórico, além de discutir as origens e as suas heranças sociais dessa realidade periférica, herdadas pelo processo histórico da sociedade brasileira.

A justificativa para realizar esse trabalho se dá pelo complicado contexto político que paira no ar brasileiro a partir do ano de 2018 em diante, principalmente após a vitória nas eleições presidenciais de Jair Bolsonaro que apresenta o absoluto despreparo juntamente com o avanço do autoritarismo e do conservadorismo para comandar um país numa situação

de crise tão agravante, onde a probabilidade de aumentar a miséria e a desigualdade social na periferia é alarmante. Além disso, pessoas voltarão a conviver com a fome, trabalhadores perderão seus direitos trabalhistas, professores serão perseguidos pelo projeto ‘Escola sem partido’, movimentos sociais podem ser considerados terroristas, as chamadas minorias sociais serão alvejadas pela crescente violência, esta legitimada pelo discurso de ódio racista, xenófobo, machista, homofóbico e de apologia da tortura do atual presidente brasileiro. Por isso, este trabalho tem o objetivo de ser uma forma de resistência e não se conformar com esse governo que nem começou e já está causando polêmicas e retrocessos na cena nacional e internacional, causando perdas democráticas irreparáveis para o país e provocando mais dúvidas do que certezas para a sociedade brasileira pelos seus confusos discursos. Para além dessa atitude, será necessário formar uma ampla frente popular para defender os valores democráticos e trabalhistas desse país, porém essa frente tem que mobilizar e ser mobilizada pela base, pela periferia, caso contrário o Brasil não terá outro destino, senão o caos.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho foi a revisão bibliográfica acerca dos temas tratados nessa pesquisa e, finalmente, a escuta e a análise de músicas do grupo *Facção Central*, vale considerar que não foram trazidos para esse trabalho todas as músicas, nem todos os álbuns, ou seja, priorizou-se as letras das músicas pertinentes ao que seria tratado na pesquisa, principalmente os álbuns subsequentes ao reconhecimento do grupo no rap nacional até a saída do ex-líder e integrante: Eduardo. Assim, os álbuns, bastante explorados pela pesquisa, foram: *Versos Sangrentos* (1998), *A Marcha Fúnebre Prossegue* (2001) e *Direto do Campo de Extermínio* (2003).

2 REALIDADE: ALGUMAS ACEPÇÕES

O capítulo de abertura do presente trabalho pretende apresentar, em uma visão sociológica, o que se designa por **realidade** e como ela é construída pelos seres humanos em sociedade; explorar a realidade das periferias e de seus moradores e quais são as situações materiais e sociais, nas quais estão inseridos e; apresentar o que se denomina por periferia como conceito, fazendo uma construção da importância e o que esse termo implica para os sujeitos desse contexto na construção de uma nova subjetividade. Ao ouvir e estudar as músicas de rap, sabe-se que esta manifestação cultural fala e expõe de maneira crítica a realidade da periferia e de seus moradores em suas letras, mas afinal o que é **realidade**? O que a realidade implica nas letras do rap? E, afinal, como o rap apela para essa realidade?

Segundo o dicionário Aurélio, o termo **realidade** é definido como a “qualidade do real; aquilo que existe efetivamente; real”, caracterizado pelo que se refere às coisas atuais e concretas (FERREIRA, ano, p. 1711); a partir daí, então, busca-se fazer uma melhor elucidação a partir de uma perspectiva sociológica do que seria a realidade, “[...] tal como é acessível ao senso comum dos membros ordinários da sociedade” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 35.). A realidade é compreendida e constituída pelos seres humanos mediante o mundo da vida cotidiana, um mundo que tem origem no “[...] pensamento e na ação dos homens comuns”, tornando-se o **real**. Portanto, a realidade é relacional, já que os seres humanos constroem a realidade e são influenciados por ela concomitantemente. Além disso, os teóricos Peter Berger e Thomas Luckmann afirmam que há diversas realidades por onde a consciência é capaz de mover-se entre elas, porém a **realidade da vida cotidiana** é classificada como sendo a realidade por excelência ou predominante, visto que ela “[...] impõe-se à consciência de maneira mais maciça, urgente e intensa” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 38) e de forma ordenada, pois a realidade é objetivada e designada por objetos que já estão dados antes mesmo do nascimento e, assim, continuarão após a morte. Perante a abrangência do conceito, vale salientar a diferença entre a **realidade objetiva** e a **realidade subjetiva**: a realidade objetiva seria aquela que existe independentemente do olhar e dos pontos de vista do observador, já a realidade subjetiva seria aquela que é produzida a partir das percepções de cada indivíduo frente ao contexto no qual está inserido. Portanto, a sociedade é uma construção de ambas as realidades – objetiva e subjetiva.

Outro fator importante para a definição de **realidade** é sua característica intersubjetiva, isto é, participa-se da sociedade e vive-se a realidade em interação com outras pessoas por meio da linguagem, que é a ferramenta de uso para a compreensão e para a participação na realidade, além de ser o meio de preservar os amplos significados e as experiências no tempo e transmitir para as futuras gerações, transformando-se em um objeto de transcendência já que ela faz presente aquilo que está ausente – seja temporal, espacial ou socialmente - no momento do “aqui e agora”. Em resumo, a **realidade** desenrola-se no “aqui” e no “agora”, ou seja, em um espaço que é geograficamente determinado e em um determinado tempo, no entanto a realidade da vida diária “[...] não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes “aqui e agora”. Isto quer dizer que experimento a vida cotidiana em diferentes graus de aproximação e distância, espacial e temporalmente.” (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 39).

Como a sociedade é estruturada em classes sociais distintas, acredita-se que os sujeitos das classes sociais têm sua visão de mundo e compartilham experiências similares por pertencer à dada classe, portanto a sua visão de realidade é influenciada pela sua **realidade social**, baseado no que Bergmann e Luckmann chamam de “acervo social de conhecimento”, podendo haver obviamente variações dessa visão sobre a realidade. Dessa forma, eles afirmam:

Vivo no mundo do senso comum da vida cotidiana equipado com corpos específicos de conhecimento. Mais ainda, sei que outros partilham, ao menos em parte, deste conhecimento, e eles sabem que eu sei disso. Minha interação com os outros na vida cotidiana é por conseguinte constantemente afetada por nossa participação comum no acervo social disponível do conhecimento.

O acervo social do conhecimento inclui o conhecimento de minha situação e de seus limites. Por exemplo, sei que sou pobre, que por conseguinte não posso esperar viver num bairro elegante. Este conhecimento, está claro, é partilhado por aqueles que são também pobres quanto por aqueles que se acham em situação mais privilegiada. (BERGER; LUCKMANN, 2009, p. 62).

É importante notar que a realidade é constituída paradoxalmente pelos diferentes grupos sociais, baseados e determinados pela sua percepção de mundo, pela sua maneira de estarem no mundo e na articulação de estratégias que visam suprir os seus interesses próprios, levando em consideração as suas identidades, as suas representações, os seus valores, o seu estilo de vida etc. Por isso, a “[...] leitura social e cultural da realidade é multidimensional e está ligada a processos sócio-históricos que põem frente a frente a experiência e sua interpretação” (CAMARGOS, 2015, p. 142).

Dado isso, destaca-se, neste ponto, a diferença da realidade vivida e compartilhada por pessoas das diferentes classes no embate da luta de classes: opressores e oprimidos, que é intensificado pela modernização do capitalismo como política econômica de mercado que, inclusive, sobrevive somente com a conservação sistêmica das desigualdades sociais em seu núcleo. Sendo assim, para uma classe deter muita riqueza e poder, é necessário que outra classe viva na miséria da escassez de recursos e condições básicas de sobrevivência, ou melhor, “um homem só terá uma mansão de um quilômetro, se milhares de outros homens morarem em barracos de quatro metros quadrados. Um homem só terá bilhões investidos em uma conta bancária, se milhares de outros permanecerem com centavos nos bolsos”, como afirma o ex-líder do grupo de rap Facção Central, Carlos Eduardo Taddeo, em seu livro chamado *A Guerra não declarada na visão de um favelado*. (TADDEO, 2012, p. 21)

Baseado no que a **realidade** é uma construção social, discute-se aqui o objetivo de apresentar a realidade mostrada pelos oprimidos ou, mais especificamente, pela cultura do rap na sua posição e no seu discurso contundente contra os padrões hegemônicos e dominantes da sociedade, pois os cantores desse estilo musical representam a sua realidade compartilhada da vida cotidiana por ter certa legitimidade e autoridade dentro do campo cultural para falar das suas experiências e valores do vivido no dia-a-dia da periferia, isto é, o rap é uma manifestação cultural representada por pessoas comuns, as quais não possuem algum prestígio social, não ocupam cargos de destaque na sociedade e não apresentam uma distinção socioeconômica. Como afirma Roberto Camargos, as músicas de rap são:

[...] representações ativamente construídas num campo de disputas, de lutas de representações – em meio a embates das representações que legitimam ou justificam as escolhas, valores e condutas de certos grupos em relação a outros – que são tão importantes quanto as lutas travadas em outras áreas. (CAMARGOS, 2015, p. 140)

Afirma-se que o rap está intrinsecamente ligado à verdade e que é o retrato fiel do que ocorre nas ruas da periferia, porém é necessário problematizar essa afirmação, visto que o real não fica perceptível em sua totalidade em uma música. Dessa forma, o rap, como produção cultural, é uma linguagem que constitui o **real** e compõe a formação da consciência social, ou seja, o rap é visto aqui como uma evidência de um grande processo social, em constante construção histórica, e que tem a finalidade de compor a verossimilhança da realidade, buscando construir novos sentidos em seus ouvintes sobre a realidade e tornando-se um importante instrumento de luta que disputa diversos sentidos e espaços na vida social articulados com as relações de poder. Portanto, o rap é um importante meio de representação

do ponto de vista dos oprimidos, dos marginalizados, dos excluídos e dos discriminados da sociedade que (re)constróem as suas experiências da vida cotidiana e problematizam as condições sociais contemporâneas, fazendo circular a sua percepção da **realidade** e o seu modo de estar no mundo. Mediante essa representação feita pelo rap, os agentes produtores de cultura tornam-se sujeitos engajados pelo fato de “tratar dos temas de seu tempo, das vicissitudes da própria sociedade em que vive e emite um juízo em relação a isso” (CAMARGOS, 2015, p. 87), isto é, o engajamento está atrelado à autonomia e à consciência feitas pelas posições do discurso emitido desses sujeitos, levando em consideração que engajamento não está relacionado diretamente com uma militância ou organização política específica.

No entanto, os *rappers*, ao dedicar o seu discurso contra os valores hegemônicos e contra aqueles que mantêm o estabelecimento da ordem social, trazem à tona com o seu “dizer” a política do cotidiano - indo além daquela tradicional política institucional - visto que questionam e denunciam de maneira criativa as contradições do sistema capitalista e suas decorrentes mazelas sociais contemporâneas, realizando a sua inserção no espaço público e sugerindo uma ação social de mudança desse contexto. Somente a partir daí que é possível fazer uma transformação dessa **realidade**, pois a primeira exigência para transformar a realidade é conhecê-la, e os *rappers* a conhecem muito bem já que respiram o ar da periferia todos os dias.

Na próxima seção, apresenta-se a **realidade da vida cotidiana** das periferias, que é tema constante nas letras dos grupos de rap. O foco desta seção será apresentar genericamente as condições físicas e simbólicas (geralmente, precárias), pelas quais os moradores da periferia presenciam em sua rotina diária dentro de um universo compartilhado por todos das classes populares, independente da região.

2.1 Realidade na periferia

A **realidade da vida cotidiana** da periferia possui certas características compartilhadas pelas pessoas que convivem neste universo nos grandes centros urbanos, embora as comunidades apresentem diversas distinções entre si; por isso, ter uma **realidade** em comum não quer dizer que vivem exatamente do mesmo jeito, contudo a periferia é chamada assim precisamente por possuir essas características em comum. Além disso, cada periferia (vilas, favelas, COHABs), localizada em espaços geográficos distintos das grandes cidades, apresentam suas próprias maneiras de organização do espaço e de suas referências locais, sendo assim viver na periferia “pode possuir diversas formas, adquirir distintos contornos e apresentar múltiplas facetas, dependendo da posição do indivíduo, sua trajetória pessoal e as condições socioeconômicas das localidades” (D’ANDREA, 2013, p. 138), onde reside e transita no seu cotidiano, sendo que majoritariamente as periferias são afastadas do grande centro urbano, ou seja, segregada e excluída no âmbito socioespacial, porém elas estruturam-se e funcionam justamente como uma cidade, tendo um caráter de cidade dentro da própria cidade.

Como dito, há uma variedade de situações, de valores, de condições financeiras e de experiências na periferia, no entanto há uma subjetividade em comum nos indivíduos da periferia que é manifestada pelo caráter de “sentir-se periférico”, que contribui para a construção de uma identidade e na constituição de um pertencimento àquele local em que a vida social é compartilhada, caracterizada por diversas carências, violências e privações no plano material e simbólico.

Em relação ao mundo do trabalho, a maioria dos moradores da periferia são trabalhadores de baixa renda com pouca ou nenhuma qualificação, que trabalham vinculados ao setor industriário ou ao setor de serviços, além de haver muitos trabalhadores que são autônomos independentes, trabalhadores prestadores de serviço e prestadores de serviços domésticos. Geralmente, esses trabalhadores da periferia possuem uma renda mensal baixa com salários deteriorados, por isso muitos moradores sentem a necessidade de procurar outras maneiras de complementar a sua renda, como horas extras e “bicos”. Além disso, muitos moradores da periferia começam a trabalhar precocemente na adolescência, visto que precisam auxiliar na renda familiar para a sua subsistência, então muitos jovens são forçados a abandonar os estudos por não conseguirem conciliar a rotina pesada do trabalho e do estudo,

influenciando diretamente na qualificação da força de trabalho dos moradores da periferia. No entanto, outro fator que aflige um grande número de famílias na realidade periférica é o grande número de desempregados.

Sendo assim, os moradores da periferia compartilham uma experiência urbana que é repleta de dificuldades, pois enfrentam diariamente uma rotina totalmente cansativa e desgastante em serviços precários. Para chegarem ao local de trabalho, muitos trabalhadores encaram grandes deslocamentos em transportes públicos (ônibus, trem/metrô), que são frequentemente superlotados em horário de pico, percorrendo quilômetros esmagados e com grandes congestionamentos nas ruas da cidade, já que seus serviços localizam-se comumente em bairros melhor estruturados socialmente, além de pagar uma alta tarifa que só contribui para o lucro dos empresários, donos das empresas de transportes. Assim, o tempo restante do dia que deveria ser de lazer para o trabalhador é apenas para o descanso, porque tem que trabalhar no dia seguinte.

Tocante a questões sociais, a **realidade** da periferia convive com um quadro muito desigual em relação a outros bairros do espaço urbano, sendo composta pela pobreza, pela miséria, pelo desemprego, pelo racismo, pela violência - esta repleta de casos como homicídios, tráfico de drogas, assaltos, repressão policial. Ademais, os moradores periféricos têm dificuldade de acesso a serviços públicos de qualidade e a opções de cultura e lazer, isto é, o saneamento básico nas periferias é quase inexistente, as ruas e avenidas são mal pavimentadas com pouca sinalização, sendo que muitas delas não há asfaltamento, pouco ou nada de acessibilidade aos deficientes físicos, as condições de saúde e moradia são as piores do espaço urbano, há diversos pontos em que se encontra um acúmulo de lixo, há poucas praças/parques e áreas verdes, há muitos terrenos baldios e áreas irregulares. Portanto, esses indícios estruturais mostram o descaso e a falta de interesse dos políticos e do poder público em investir na periferia, em vista disso, para mudar essa realidade, é necessário fazer inúmeras políticas públicas de investimento nas áreas da saúde, da educação e da segurança.

Para além desse descaso estrutural, a **realidade** da periferia brasileira sofre diversas imposições simbólicas do sistema e do Estado. Dessa forma, a periferia sofre a humilhação e a degradação da discriminação social e racial, visto que, mesmo que ela represente o povo e as classes populares (constituindo a maioria da população), a periferia existe como uma minoria – quase nula – nas representações econômicas, culturais e nas atividades políticas institucionalizadas. Isto é, quem tem o privilégio de representar a

população no Estado são os indivíduos que detém o poder hegemônico em suas mãos, ou melhor, em seus bolsos, visto que quem detém todo o dinheiro/poder é quem governa em todos os níveis políticos, econômicos e sociais – majoritariamente composto por brancos; relegando, dessa forma, os pobres e os negros à exclusão e à precariedade da miséria, porque a questão racial determina a posição socioeconômica na sociedade brasileira. Segundo Abdias Nascimento, os negros, mas pode-se ampliar, neste caso, para todos os moradores da periferia:

[...] vivem em favelas porque não possuem meios para alugar ou comprar residência nas áreas habitáveis, por sua vez a falta de dinheiro resulta da discriminação no emprego. Se a falta de emprego é por causa de carência de preparo técnico e de instrução adequada, a falta desta aptidão se deve à ausência de recurso financeiro. Nesta teia, o afro-brasileiro se vê tolhido de todos os lados, prisioneiro de um círculo vicioso de discriminação – no emprego, na escola – e trancadas as oportunidades que lhe permitiriam melhorar suas condições de vida, sua moradia, inclusive.” (NASCIMENTO, 2017, p. 101)

Por conseguinte, a periferia sofre em sua **realidade da vida cotidiana** diversas armadilhas, arquitetadas pelo próprio sistema capitalista moderno para perpetuar a dominação e o controle social sobre a população mais pobre. Essa rede de potência do poder hegemônico é composta por “aparatos repressivos, simbólicos, ideológicos e políticos” (CAMARGOS, 2015), como é o caso das polícias e da mídia, por exemplo.

No capítulo 5, a **realidade** da periferia e as origens históricas – que deixaram uma herança catastrófica para a periferia - serão apresentadas e analisadas com maiores detalhes sob a ótica e a perspectiva das letras do grupo de rap *Facção Central*.

2.2 Periferia

O conceito **periferia** é muito importante para também entender a **realidade** desse ambiente discutido nas letras de rap. Periferia apresenta uma variedade de sentidos que já foram discutidos em vários campos, que apresentaram diferentes visões sobre o que seria a periferia e o que ela representava para os seus moradores. Essa discussão valerá para o termo **periferia** no geral, já que a realidade dela é semelhante em todas as regiões brasileiras dos grandes centros urbanos, porém o foco aqui será na região de São Paulo, onde o rap alcançou o seu maior potencial como manifestação política e cultural. Segundo a pesquisa do sociólogo Tiarajú D’Andrea, houve três momentos em que a preponderância de uma determinada visão passou de um campo para outro no decorrer dos anos 1960 até os dias de hoje: o campo

acadêmico, o campo artístico e o campo do entretenimento. O primeiro campo preponderante foi feito pela academia e depois, em meados da década de 1990:

[...] esta *preponderância* passa do campo da ciência para o campo da produção artística, sobretudo em sua vertente popular.
 Já na entrada dos anos 2000, algo próximo ao ano de 2002, dita *preponderância* segue no campo artístico, mas é apropriada por produções da indústria do entretenimento. (D'ANDREA, 2013, p. 35-36).

Este trabalho não tem o objetivo de expor cada visão minuciosamente, porém os campos se inter-relacionam e dialogam com os seus próprios traços de olhar o objeto, seguindo os seus objetivos, o seu modo de fazer e o que representam na estrutura social. O que importa neste trabalho é a preponderância dos traços sobre o olhar periférico, caracterizado por ser uma visão dos “de baixo”, ou seja, a visão pela qual os próprios moradores, que convivem e sobrevivem nesse local, possuem sobre a periferia.

Em uma visão do senso comum para a periferia, a palavra faz referência a aspectos geográficos dos estudos de urbanização, todavia, além disso, a **periferia** “[...] aponta aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infraestrutura urbana.” (CALDEIRA, 1984, p. 7), gerado por um processo político e econômico, consolidado a partir da década de 1940, de exclusão e segregação dos trabalhadores de baixa renda das regiões centrais da cidade, visto que a cidade desenvolvia-se pelo crescente “progresso” na construção de grandes avenidas e no investimento no setor rodoviário, expandindo cada vez mais as suas fronteiras para longe do centro. Dessa forma, a população aumentou e o número de habitações não era o suficiente para sustentar o crescimento demográfico, então o resultado foi que inúmeros trabalhadores pobres fizeram a apropriação dos espaços distantes do centro, pois era o único lugar acessível por não conter infraestrutura e serviços básicos do poder público, onde as novas moradias foram construídas pelo “[...] binômio loteamentos-autoconstrução” (CALDEIRA, 1984, p. 26), ou seja, houve uma intensa abertura de lotes pelo poder privado através da especulação imobiliária e facilitado pelas políticas públicas do Estado de incentivo ao processo de urbanização. Além disso, os moradores faziam a construção de suas próprias casas totalmente sem planejamento e sem um plano autorizado pela prefeitura, apenas com os recursos materiais escassos de baixa qualidade e com a mão de obra da própria família, podendo levar muito tempo para a construção total da casa; portanto, a periferia como *locus* surgiu em condições muito precárias na ausência de serviços básicos de infraestrutura, como iluminação pública, asfaltamento, saneamento básico e, em consequência disso, transformando-se em um cenário de identidade

de caráter homogêneo das camadas mais pobres da sociedade, que até então não tinha uma força e/ou um movimento político mobilizado frente às desigualdades sociais impostas pelo processo político e econômico da burguesia capitalista brasileira.

Contudo, para além da carência e da pobreza, a periferia é um lugar heterogêneo e multifacetado que apresenta uma vasta diversidade nas suas representações, nos modos de vida, nos valores e nas experiências vividas e compartilhadas entre os moradores. Sendo assim, em meados das décadas de 1970/1980, perante aquela **realidade** opressora e violenta, os moradores da periferia e os movimentos sociais populares começaram a sua caminhada em busca de melhorias das condições de vida, construindo “[...] um posicionamento político e um discurso ressemantizador sobre o que venha a ser periferia” (D’ANDREA, 2013, p. 45, grifo nosso), baseados fundamentalmente na crítica social aguda, no compartilhamento e no reconhecimento por parte dos moradores da precária situação em que se encontravam em relação às classes dominantes, formando de certa forma uma identidade e uma subjetividade periférica.

Toda essa mobilização política foi impulsionada, nos anos 1990 dentro de um contexto histórico do avanço do neoliberalismo após a ditadura militar no Brasil, pelo crescente surgimento de diversos coletivos artísticos de dentro da periferia; então, a partir daí, vários artistas (cineastas, músicos, artistas plásticos, compositores e outros) tiveram o papel fundamental de representar a periferia - na literatura, no rap ou em outras vertentes musicais, no teatro, em qualquer outra manifestação artística - com olhar do periférico, um olhar **de dentro**, rompendo com o alto grau de invisibilidade que a **periferia** auferiu no processo de modernização do sistema capitalista. Logo, a partir da década de 1990, o conceito **periferia** passou a ser utilizado em grande escala pelos próprios moradores da periferia, os quais, mediante esse termo, passaram a fazer críticas contra a violência e a pobreza que reinavam sobre aquele espaço geográfico, definindo a periferia como um espaço que tem, para além da pobreza e da violência, “cultura e potência”. Esta potencialidade periférica contém quatro elementos constitutivos, que são:

1. “A utilização e/ou ameaça com violência;
2. A ostentação mediante o consumo;
3. A disputa por poder mediante a organização política; e
4. Uso da criatividade dos próprios moradores da perifeira.”

(D’ANDREA, 2013, p. 177)

Paralelamente, houve três grandes fenômenos sociais que contribuíram para o aumento da potência periférica e, conseqüentemente, para esses elementos citados acima: o avanço e o crescimento do PCC (Primeiro Comando da Capital), o **lulismo** e os próprios coletivos artísticos.

Além disso, o termo **periferia** construiu uma tripla recusa: primeiramente, o termo recusa e nega os componentes pobreza e violência, embora o termo ainda carregue esses sentidos; por segundo, há uma recusa da cidade/centro que social e historicamente rejeitou e excluiu a periferia; e, por fim, houve uma recusa do “binômio **operário-subúrbio**”, já que a periferia estava ligada intrinsecamente aos trabalhadores de baixa renda e apresentada com um caráter homogêneo, no entanto descobriu-se que a periferia apresentava uma **realidade** bem diversa e era composta por suas “singularidades etárias e étnicas”, mostrando, portanto, a complexidade dos processos sociais e das situações que acontecem na periferia em seu cotidiano. Dessa forma, o sociólogo D’Andrea afirma que:

O uso que se passa a fazer do termo *periferia*, fundamentalmente entre os jovens na década de 1990, bebeu da fonte dos usos dados por esses movimentos sociais populares da década de 1980. No entanto, o uso que é feito a partir dos anos 1990 aprofunda o caráter crítico do termo, expande o seu uso a mais setores sociais, aprofunda o uso político e passa a definir uma questão subjetiva que não estava dada com tanta evidência nos usos do termo na década de 1980.” (D’ANDREA, 2013, p. 136).

A partir da caracterização e da formulação do termo **periferia**, os moradores e, especialmente, os artistas da periferia começaram a utilizar um discurso que aponta realmente quais eram as raízes do problema e das injustiças sociais que a periferia enfrenta: a desigualdade social, a polícia repressora que assassina muitos moradores (principalmente, jovens e negros) da periferia, “[...] os Zé Povinho, que reproduzem o discurso do outro lado” (D’ANDREA, 2013, p. 137), a sociedade como um todo; isto é, os problemas estão na periferia por ser o lado mais fraco na relação de poder, porém percebe-se que a fonte desses problemas não é a própria periferia. Para aquelas pessoas que fazem o manejo desse discurso em busca de melhores condições sociais para as classes populares, o Tiaraju D’Andrea consolidou o termo **Sujeito Periférico**, que para ser designado como tal, é necessário possuir três características primordiais: assumir-se na condição de periférico, ter orgulho de ser da periferia e da sua condição e, a partir daí, atuar politicamente para transformar essa **realidade**. Portanto, nas palavras de D’Andrea, Sujeito Periférico é aquele que:

[...] deve portar o orgulho de ser periférico; deve reconhecer-se como pertencendo a uma coletividade que compartilha códigos, normas e formas de ver o mundo; deve possuir senso crítico com relação à forma como a sociedade está estruturada; e deve agir para a superação das atuais condições. (D'ANDREA, 2013, p. 175)

Portanto, a periferia é um ambiente onde há muitas carências (materiais e simbólicas), além da falta de direitos básicos para exercer a plena cidadania em sociedade, o que torna as pessoas periféricas submissas a uma lógica brutal do capitalismo selvagem. Vale ressaltar que a periferia é caracterizada como tal devido à sua **realidade**, a qual é vista como um problema para a sociedade, problema que deve ficar, na visão da elite e do Estado, segregado e excluído como se os moradores periféricos fossem detritos sociais desumanizados, no entanto esquecem que há seres humanos na periferia, que querem direitos iguais sem “ganhar” um olhar preconceituoso e estigmatizante do outro apenas por não apresentar uma “boa aparência” ou por ser pobre. Por isso, a criação da subjetividade de pertencimento da periferia e de assumir-se periférico é necessário para formar uma nova geração unificada e combatente contra a opressão recebida, a qual deve ser combatida por meio da política e da politização dos moradores e dos sujeitos periféricos, aumentando a atuação nas esferas públicas da sociedade e deixando de ser objetos das ações da burguesia. Desse modo, o rap é uma das maneiras que a periferia encontrou de acusar e opor-se ao sistema, isto é, tornou-se resistência, luta e esperança na busca de condições socioeconômicas igualitárias.

3 SURGIMENTO DO RAP NACIONAL E SUAS CARACTERÍSTICAS

Este capítulo tem o objetivo de apresentar o contexto, as principais causas do surgimento da cultura Hip-Hop no Brasil, especificamente a manifestação do rap, além de pontuar as características desse importante fenômeno social que mobilizou e conquistou um grande número de seguidores desde os seus primórdios até os dias de hoje. O Hip-Hop foi muito importante para a consolidação de uma ressignificação da cultura e do imaginário social, principalmente da periferia, perante todas as camadas sociais, portanto da sociedade.

O Hip-Hop é um movimento cultural e político que é composto pelos seguintes elementos: o *break* (representa a dança, executada pelos *b-boys* e pelas *b-girls*); o *rap* (cantado pelo Mestre de Cerimônias – MC, representa a palavra); o *DJ* (representa a música); e o **grafite** (representa a pintura). Apesar de muitas controvérsias e discussões sobre o fato do surgimento do Hip-Hop, este movimento teve o seu início no final da década de 1960, no bairro periférico de Nova Iorque, denominado Bronx, tornando-se o resultado uma série de técnicas de incorporação e apropriação de diversos cruzamentos de culturas, de tradições e de diversos estilos de musicalidade que aportaram com a chegada de muitos imigrantes naquela região, especialmente de países do continente africano e da região caribenha (destaca-se a Jamaica), sendo fundamentais para a formação desse fenômeno que é tão importante para refletir sobre a sociedade e sua complexidade como um todo.

O surgimento do Hip-Hop, como ação social, começou com encontros musicais que teve propósitos para além da diversão, visto que o Bronx, naquela época, era uma região de muitos conflitos entre gangues rivais, com o acréscimo ainda da pobreza, da violência e do abuso policial, do alto consumo de drogas e do alto índice de criminalidade em decorrência das mudanças no cenário da urbanização estadunidense e dos “[...] efeitos da crise de desindustrialização que afetaram drasticamente a vida das pessoas – em especial os pobres” (CAMARGOS, 2015, p. 34), juntamente com um contexto de crise social e política, ao lado do grande e significativo avanço tecnológico no país, isto é, o berço do Hip-Hop não se origina em um mar de rosas. Entretanto, o Hip-Hop foi um meio que a comunidade encontrou de apaziguar e pacificar aquela **realidade** tão opressora, na qual convivia com a violência extrema diariamente, ou seja, houve uma “[...] transferência do conflito do plano material para o plano da disputa simbólica” (D’ANDREA, 2013, p. 63), já que, nesses encontros musicais, havia grandes disputas entre os artistas que estavam querendo mostrar a sua arte.

Dessa forma, o Hip-Hop foi uma resposta à sociedade daquele grupo social, composto majoritariamente de jovens negros, de reivindicação e libertação da pobreza e da violência, organizado a partir da busca pelo conhecimento e pela cultura e, além disso, mostrou-se uma inovadora maneira de se fazer música, conseqüentemente de se fazer arte, tornando-os sujeitos políticos, ou melhor, **sujeitos periféricos**, conceito já apresentado no capítulo 1, seção 1.2. Esse movimento deu liberdade aos indivíduos expressarem-se livre e politicamente, visando a autonomia, a autoestima e a emancipação do povo negro e do pobre em sociedade, sempre marcado com muitas emoções e sentimentos em cada discurso proferido nas ruas da cidade, maneira encontrada para mostrar a sua própria visão de mundo e afirmar a sua identidade e caráter, tão depreciada por outros âmbitos sociais, especialmente as classes dominantes e o próprio governo.

Sendo uma das manifestações artísticas do Hip-Hop, o rap, abreviatura de *rhythm and poetry*, é um ritmo musical cantado aceleradamente – associado à poesia – o qual se desenvolveu nas classes mais desfavorecidas socialmente e, rapidamente, espalhou-se no mundo todo, sendo adaptado conforme as particularidades sociais e culturais de cada região, tornando-se a principal expressão artística a mostrar e a representar a crueza e a dureza da **realidade** dos bairros periféricos. A música que levou fama ao rap nos Estados Unidos foi *Rapper's Delight* pelo trio *Sugarhill Gangs*, com o lançamento em 1979; porém, é com o sucesso do álbum *The Message*, lançado em 1982, do grupo *Furious Five*, que o rap difundiu-se pelo mundo inteiro, fundamentalmente pela sua circulação em rádios comunitárias, em suportes físicos (fitas e discos) e outras mídias.

De acordo com o Tiaraju D'Andrea, o rap exprimiu uma dupla ruptura como movimento artístico, já que ele tornou-se em “uma forma musical adequada à enunciação desse conteúdo e também rompedora de uma dada tradição musical” (D'ANDREA, 2013, p. 248), isto é, o modo violento do discurso dos grupos de raps é compatível com a **realidade** empírica que esses sujeitos convivem no cotidiano, além de realizar uma forma musical totalmente inovadora e diferenciada de outros estilos musicais, já que o rap desenterrou uma discussão histórica que era absolutamente escondida e velada, principalmente pela burguesia. As características mais peculiares e marcantes da música rap, que inclusive estão ligadas à violência e ao terror como temática, são a performance dos artistas, o ritmo e a instrumentalização veiculadas pela música: a performance da voz e dos artistas de rap são agressivas e “autoritárias”, mesclando um tom de orientação e, ao mesmo tempo, de acusação, convertendo-se em um diálogo com o ouvinte; o ritmo do rap é brutal e crítico, que não

permite o ouvinte ficar sem reação ou na passividade, pois o ritmo também é repetitivo, o qual nos conduz a ação, além de não ser uma música para a diversão, muito menos para a sensualização; a instrumentalização do rap é tensa e repetitiva sem descanso algum, a qual causa certo sentimento de tristeza, raiva, desgosto, assim como a sofrida **realidade** dos indivíduos da periferia, que por uma rotina completamente desgastante, não têm muito tempo de descanso ou de lazer. Tudo isso vem à tona com uma linguagem popular e cotidiana, carregada de gírias locais e sociais, sendo acessível e facilitando a comunicação entre os seus semelhantes.

Evidenciando toda essa violência em sua forma musical, o rap é marcado pela qualidade crítica às desigualdades sociais e pelo caráter coletivo, voltado para um público-alvo bem determinado: os próprios moradores negros e pobres das periferias de onde o movimento surgiu, contudo o rap conseguiu, no decorrer dos anos, alcançar inclusive outras classes sociais. Ademais, o rap tem a missão de trazer a inclusão e a igualdade de todos os seus semelhantes por conviverem na mesma **realidade** com uma atitude de conscientização dessa população, mediante a cultura e a educação, mudando a autoimagem e a ação dos negros e pobres das periferias, isto é, “é o fim da humildade, do sentimento de inferioridade que tanto agrada à elite da casa grande, acostumada a se beneficiar da mansidão – ou seja: do medo – de nossa “boa gente de cor””. (KEHL, 1999, p. 96), simbolizando a imagem e a voz dos periféricos, excluídas por tanto tempo de nossa história mundial.

O rap é um processo social que está ligado diretamente aos grandes centros urbanos, assim, nesse contexto, o movimento instalou-se aqui no Brasil a partir do grande processo de urbanização das cidades, principalmente na cidade de São Paulo, onde houve uma explosão populacional e, decorrente disso, uma grande exclusão dos pobres, formando, dessa forma, a grande periferia, conceito discutido no capítulo 1, seção 1.2, deste trabalho. A exclusão de toda essa população realizou-se dentro da ‘lógica da desordem’ e do caos, fundamentada na “acumulação e na especulação de lucro” (D’ANDREA, 2013, p. 41) da burguesia, deixando os bairros pobres à míngua e com uma enorme carência infraestrutural, inclusive tendo aumentado a desigualdade social entre os espaços geográficos do centro e da periferia, contudo o governo e as classes dominantes olhavam para essa urbanização como o símbolo do progresso econômico. Por outro lado, o rap surgiu no Brasil em um momento histórico de efervescência de movimentos sociais que reivindicavam e integravam as questões de gênero e raça para a construção de uma sociedade mais justa, plural, democrática e, conseqüentemente, mais cidadã e participativa. Sendo assim, o movimento do rap agregou

fortemente nessa movimentação político-social para trazer melhores condições de igualdade e de valorização, principalmente para as classes populares.

No Brasil, o movimento Hip-Hop teve o seu aparecimento e o seu crescimento quase que concomitante em diversas regiões do país de maneira similar, no entanto, em 1983, na cidade de São Paulo, especificamente no Largo de São Bento, bem ao lado da estação de metrô de mesmo nome, localizada no Centro, os seguidores jovens negros de bairros periféricos começaram a se reunir para dançar o *break*, trocar informações/valores e socializar entre eles, além de, é claro, manifestar as outras expressões do Hip-Hop, cabe destacar o grafite e o rap. O *break* é uma dança de rua em que dançarinos, chamados de *b-boys*, fazem movimentos corporais robóticos com deslizamentos no chão e, até mesmo, com saltos, aperfeiçoado e desenvolvido a partir de bailes da *black music*, que integrava o *soul* e o *funk*, marcada pela sua natureza dançante; nesses bailes, cabe ressaltar que era comum passar imagens dos videoclipes de raps estadunidenses com imagens que apareciam negros como protagonistas, além de falar dos aspectos da **realidade da vida cotidiana** das periferias, inclusive muito conhecido pelos frequentadores desses bailes. Os nomes mais famosos dentro do movimento *break*, conhecidos como gangues, eram: Nação Zulu, Fantastic Force, Crazy Crew, Back Spin Kings, Street Warriors, Jabaquara Breakers, dentre outros nomes. Interessante salientar que um movimento relevantemente periférico teve seu marco inicial no centro da cidade, visto que esse local foi importante para o "[...] legado histórico de ocupações do espaço público" (D'ANDREA, 2013, p. 69), já que frequentavam pessoas de diversos lugares de São Paulo, inclusive do Brasil inteiro após esse espaço ficar reconhecido pelo movimento do Hip-Hop. No entanto, para além da socialização pacífica, esses encontros eram frequentemente marcados por conflitos, embates e, até mesmo, por repressões; dessa forma, por questões internas do movimento Hip-Hop, em 1988, houve a primeira e grande ruptura entre os artistas do *break* e do rap, ou seja, o rap começou a ganhar mais espaço e a se organizar singularmente na Praça Roosevelt – também em São Paulo - pela presença, inclusive, majoritária de jovens oriundos da periferia, além de ter a presença de produtores musicais, com o objetivo de difundir o rap para além de suas fronteiras.

Então, a partir desses encontros propriamente de cantores de rap, em 1988, surgiu o maior e mais notável grupo de rap do Brasil: os Racionais MC's, formado por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, sendo os dois primeiros da zona sul, e os dois últimos da zona norte de São Paulo que se juntaram em nome de uma causa: a periferia. Impossível falar de rap no Brasil e não falar desse importante grupo para a cena nacional, pois esse grupo é a

vanguarda do movimento rap e lançou dois EPs (Holocausto Urbano, em 1990; Escolha o seu caminho, em 1992), quatro discos em estúdio (Raio-X Brasil, em 1993; Sobrevivendo no inferno, em 1997; Nada como um dia após o outro dia, em 2002; Cores e valores, em 2014), além de lançarem dois discos ao vivo (Ao vivo, em 2001; 1000 trutas, 1000 tretas, em 2006). Os Racionais MC's cantavam em suas letras de rap as suas experiências da **realidade** cotidiana, ou seja, a temática das suas músicas fazia um retrato da “[...] violência que estrutura a nossa sociedade” (GARCIA, 2004 p. 171), essa violência acontece de diferentes maneiras, como: a violência do crime, a violência entre familiares e amigos e a violência das relações entre as classes sociais. Além disso, os Racionais MC's cantam o racismo como manifestação do preconceito e segregação do negro, a miséria das favelas, a realidade do sistema carcerário, a repressão policial, a má distribuição de renda, tendo como central o ponto de vista do negro pobre, morador da periferia que sofre cotidianamente essas diversas maneiras de violência na vida social, resultado de uma sociedade capitalista, na qual tudo e todos são transformados e vistos como mercadoria pela classe dominante, que só pensa e visa o seu lucro, aumentando significativamente a desigualdade social. Portanto, as letras dos Racionais MC's retratam um verdadeiro genocídio de jovens da periferia, cantado em um tom “intimidatório” e “acusatório”, característica geral do rap, que, conforme a psicanalista Maria Rita Kehl, são “embaladas pelo ritmo que lembra um campo de trabalhos forçados ou a marcha dos detentos ao redor do pátio” (KEHL, 1999, p. 97). Dessa forma, os Racionais MC's tornaram-se um fenômeno social para a construção de um novo olhar para a sociedade, para a criação de uma nova forma de cultura e para também a ressignificação do imaginário coletivo, fundamentalmente os periféricos, já tão excluídos e estigmatizados pela sociedade opressora.

Em sua tese *A Formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na cidade de São Paulo*, que estuda a obra dos Racionais MC's, Tiaraju D'Andrea aponta quatro elementos da importância do grupo, que alavancou o seu sucesso no âmbito nacional. “São eles: a coadunação entre discurso e momento histórico; a união entre forma e conteúdo; o fim das mediações e; o retorno do recalque.” Vale destacar que os Racionais MC's têm, em sua obra, a preocupação de retratar fielmente a **realidade da vida cotidiana** na periferia com um discurso explícito e direto, em que visa a busca pela inclusão, pela conscientização e pela valorização da autoimagem de seus semelhantes (negro, pobre, periférico), os quais têm um perfil que foi ocultado e invisibilizado no meio social por ter sido a herança oprimida das tragédias sociais brasileiras da escravidão e da ditadura militar, sendo estes, portanto, os

“principais recalques de nossa estrutura social” (D’ANDREA, 2013, p. 127), destacados no capítulo 5 deste trabalho.

Para além do movimento Hip-Hop, sabe-se também que a periferia também se manifestou de outras maneiras a sua insatisfação pelas desigualdades sociais que estruturam a nossa sociedade, ou seja, a periferia é um local rico em diversidade, na qual teve uma grande efervescência cultural para manifestar os seus desejos, as suas insatisfações, as suas demandas, enfim, a sua **realidade**. Sendo assim, nos anos 1990, a periferia teve um *boom* no surgimento de novos coletivos artísticos, que passaram a realizar diversas atividades artísticas na periferia, como: saraus, grupos de samba, espetáculos teatrais, manifestações do Hip-Hop, etc; e também surgiu a denominada **literatura marginal**, o que evidenciaram a potencialidade criativa e auxiliaram na produção do orgulho do indivíduo da periferia em detrimento do estigma. O contexto social que auxiliou no surgimento e no fortalecimento dessas duas expressões artísticas foi a diminuição do poder de militância de partidos políticos, principalmente do Partido dos Trabalhadores (PT); a crise de organização dos sindicatos, representantes dos trabalhadores; o fechamento dos Centro Eclesiais de Base (CEB’s), muito presentes na periferia na década de 1980; o aumento da violência e da miséria e; a “necessidade material”, tudo isso consequência do contexto da política econômica neoliberal dos governantes após o fim da ditadura militar brasileira.

Portanto, a busca pela cultura foi a saída encontrada pela periferia para fazer arte e, além disso, fazer política, isto é, atuar efetivamente em sociedade para transformá-la. Para além dessa contextualização social, política e econômica, os coletivos artísticos e a literatura marginal tiveram quatro grandes motivadores para ter aumentado consideravelmente a sua produção na e para a periferia: a pacificação de um contexto violento e opressor, a busca pela sobrevivência econômica, a busca pela participação política e a “emancipação humana” (D’ANDREA, 2013).

No próximo capítulo, este trabalho tem o objetivo de apresentar um dos grandes nomes da cena rap nacional: o grupo *Facção Central*. Além disso, apresenta-se o contexto socioeconômico da década de 1990, quando o conjunto grava os seus primeiros álbuns em estúdio e ganha visibilidade na cena em decorrência de uma polêmica judicial.

4 APRESENTAÇÃO DO *FACÇÃO CENTRAL* E O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO DE SEU SURGIMENTO

O grupo de rap *Facção Central* surgiu na Praça da Aclimação, na região central da cidade¹ de São Paulo, em 1989. O grupo, durante a sua carreira, já teve muitas trocas de membros, sendo assim a sua principal formação - que lançou a maior parte dos álbuns - é composta por Eduardo (compositor e intérprete), Dum-Dum (intérprete) e Erick 12 (DJ e produtor). No dia 18 de março de 2013, o cabeça do grupo Eduardo lançou um vídeo no *YouTube*, dizendo que estava deixando o grupo por divergências ideológicas, entretanto *Facção Central* continua a sua carreira ainda hoje com o rapper Dum-Dum como líder. Em quase 30 anos de carreira, *Facção Central* lançou sete álbuns gravados em estúdio, uma coletânea junto com outros grupos do chamado Gansta Rap e um álbum ao vivo. São eles:

- Juventude de Atitude - 1995
- Estamos de Luto - 1998
- Versos Sangrentos - 1999
- Família Facção – 1999 (coletânea)
- A Marcha Fúnebre Prossegue – 2001
- Direto do Campo de Extermínio – 2003 (cd duplo)
- Facção Central – Ao vivo – 2005
- Espetáculo do Circo dos Horrores – 2006 (cd duplo)
- A Voz do Periférico – 2015

Em suas centenas de composições, o *Facção Central* busca apresentar a sua leitura e a sua interpretação da **realidade** social e da vida cotidiana da periferia brasileira, onde habitam a pobreza e a miséria dos espaços urbanos, além de realizar a sua representação do cotidiano e dos elementos corriqueiros que acontecem diariamente na periferia. As músicas do grupo contêm ações e relatos violentos com rimas contundentes em reação às violências sofridas pelo grupo social pobre e excluído social, cultural, política e economicamente do sistema capitalista vigente, buscando fazer uma reflexão sobre esses cidadãos e cidadãs para encontrar as soluções e alguma perspectiva de transformação da situação social para exercer

¹ Vale salientar a importância do centro da cidade como ponto de encontro para o surgimento e o fortalecimento do movimento Hip-Hop no Brasil e como um local de confluência dos moradores periféricos, assim a periferia torna-se um local social para além de seu significado como local físico.

uma grande superação histórica e realizar uma revolução social em busca da igualdade e da justiça, ou seja, o rap do *Facção Central* foi feito para salvar vidas periféricas e mobilizar ações dos sujeitos das classes populares embora as suas letras caracterizam-se pela utilização do sentimento da dor, do desespero e do luto, além da revolta.

O sucesso do *Facção Central* realizou-se pela figura cerne do conjunto de rap: o Eduardo, já que ele é o responsável pela composição de todas as letras do grupo. Por isso, vale destacar a trajetória pessoal de Carlos Eduardo Taddeo (nascido em Capão da Canoa – RS), que é marcada pela pobreza, pela miséria, pelo crime e, fundamentalmente, pela superação mediante o rap e a literatura engajados. Eduardo é filho de uma faxineira e de um empresário da noite, casado com outra mulher, mas dava assistência. Desde criança, Eduardo viveu na periferia de São Paulo no bairro Glicério e, posteriormente, no Grajaú (onde vive até hoje). Com o afastamento gradativo do pai, os problemas e as dificuldades da família aumentaram, visto que a mãe de Eduardo era aposentada por invalidez, o que não a impediu de ir às ruas pedir esmolas para continuar a dar o sustento aos seus quatro filhos. Com tudo isso, Eduardo não concluiu o ensino fundamental, no qual estudou somente até a 5ª série, e envolveu-se cedo na vida do crime, já que:

começou aos 7, furtando um toca-discos e roubando dólares de um japonês. Uma vez, foi parar na delegacia para a averiguação de um furto no supermercado. Saiu sem maiores consequências. Com 9 anos, diz ‘já andava com os caras’, levando e trazendo armas. Odiava álcool. Ia de benzina, maconha e cocaína. Experimentou crack. Com 16 anos, fez assaltos à mão armada.” (CARVALHO, 2007)²

Por fim, Eduardo consegue sair da vida do crime ao ouvir uma gravação em fita cassete, que continha a música “Corpo Fechado” dos *rappers* Thaíde e DJ Hum. A partir daí, Eduardo não largou mais o rap e começou a escrever letras, além de formar, no final dos anos 1980, um grupo de rap, chamado *Esquadrão Menor*, anteriormente à sua entrada no *Facção Central*. Portanto, pode-se afirmar que Carlos Eduardo Taddeo é fruto legítimo da periferia da maior cidade do país, onde há evidentemente a presença predominante do resultado da desigualdade socioeconômica e da violência. Ao conviver com toda essa situação, Eduardo tornou-se um ativista e “locutor do inferno” mediante o rap e, posteriormente, a literatura, pelos quais soube expor a sua filosofia de vida e manifestar-se politicamente com a sua melhor e mais potente “arma”: a voz/ a palavra, contra todas as opressões sociais que as pessoas das classes populares sofrem diariamente, ou seja, deixou de ser mais uma vítima do sistema para se transformar em um “pobre revolucionário”, o qual adquiriu a sua “bagagem

² Documento eletrônico.

cultural” de forma clandestina e marginal por livre e espontânea vontade, já que muitas vezes a informação foi-lhe negada, assim como é negada recorrentemente para o coletivo popular. Isso aconteceu nos anos 1980/1990, anos violentos para a periferia em um contexto recente da redemocratização brasileira.

Na década de 1990, quando o *Facção Central* ganhou a sua devida notabilidade nacional no meio artístico do rap, o contexto político e econômico daqueles anos era conturbado, visto que, a partir do ano de 1989, começa a “curva de descenso das massas” (D’ANDREA, 2013, p.50) por três grandes motivos tanto no âmbito nacional e mundial: os movimentos sociais e populares perderam muita força de atuação política dentro das comunidades; a queda do Muro de Berlim e o enfraquecimento das ideias socialistas no mundo, culminando no fim da URSS em 1991 e; a perda de Lula para Fernando Collor de Melo nas eleições presidenciais daquele ano. Nesse contexto sombrio para o ideário das massas e da esquerda, há, em São Paulo, outro elemento que agrava a situação que é a eleição de Paulo Maluf para a prefeitura que governou o município entre os anos de 1993 e 1996 e; no Brasil, a eleição de Fernando Henrique Cardoso em 1995, dando entrada definitivamente para a concepção neoliberal no maior país da América Latina. Em sua tese, D’Andrea expõe como foi marcado o governo malufista:

Nesse período, sua gestão foi marcada por remoções de favelas; privatização de serviços públicos com o programa PAS na área da saúde, vertiginoso decréscimo na qualidade em áreas como educação e transportes públicos; políticas populistas como o Projeto Cingapura; evidentes desigualdades na alocação de recursos municipais entre bairros periféricos e bairros de elite, do qual se sobressaem os gastos em pontes, avenidas e viadutos na região sudoeste e; por fim, escândalos de corrupção.” (D’ANDREA, 2013, p. 52)

Toda essa política socioeconômica do neoliberalismo conservador foi marcada pelo acompanhamento massivo e intenso dos aparatos midiáticos que pregava em suas propagandas e em seus programas a adesão ao consumismo, à ostentação e ao individualismo, características essenciais da lógica de mercado. Sendo assim, o espaço público deu lugar ao privado, justificando a autossegregação da burguesia em seus condomínios fechados de luxo, a privatização de diversos setores e empresas públicas e a dependência da economia pelo setor financeiro internacional. Enquanto a elite aproveita de todas as suas benesses da ideologia neoliberal, as classes populares, em contraposição, sofrem graves consequências sociais: grande queda dos empregos formais, aumentando consideravelmente o trabalho informal e o desemprego, diminuição do salário, aumento da fome e da miséria e, além disso, a

desigualdade social cresceu disparatadamente, resultando, em consequência, no aumento alarmante da violência dentro do perímetro urbano, principalmente da violência estatal contra as pessoas excluídas e marginalizadas da sociedade brasileira, como é o caso das maiores chacinas da década de 1990 que é o Massacre do Carandiru, episódio que resultou no extermínio de 111 detentos por policias militares, liderados pelo coronel Ubiratã Guimarães; a chacina do Vigário Geral, acontecimento que acabou com a execução sumária de 21 moradores da favela de mesmo nome (a maioria das vítimas não tinha ligação com atividades ilícitas), praticada pela força paramilitar de um grupo de extermínio; e a chacina da Candelária, fato que deixou oito jovens em situação de rua mortos (a maioria era menor de idade) em frente à Igreja da Candelária na região central do Rio de Janeiro.

Em meio a esse conturbado tempo de avanço do neoliberalismo, o grupo de rap *Facção Central* ficou em evidência com o lançamento, em 1999, do videoclipe *Isso aqui é uma Guerra*, música do terceiro álbum *Versos Sangrentos* e composição do ex-líder Eduardo, que, logo após o seu lançamento, não ganhou tanta notoriedade, nem tanta circulação nos meios midiáticos. No videoclipe, Eduardo e Dum-Dum são protagonistas em cenas de assaltos e sequestros à mão armada, porém, na conclusão do videoclipe, eles acabam se dando mal, já que um dos bandidos é morto e o outro é preso pela polícia, indicando que o caminho do crime não compensa e tem um trágico fim. Contudo, ao ser exibido - nunca na íntegra - seis vezes no canal MTV em 2000, o videoclipe foi criticado por um amplo setor social, inclusive sendo criticado por grandes jornais de circulação, por noticiários dos telejornais (como no Jornal do SBT), o que causou um grande pavor e uma enorme insatisfação em muitas pessoas da alta e média sociedade. O videoclipe foi alvo de denúncias feitas pelo assessor de direitos humanos do Ministério Público de São Paulo, Carlos Cardoso, que mandou apreender todos os exemplares do álbum de 1999 do grupo e pediu a proibição da exibição e da reprodução da música em rádios e em canais de televisão, por ser “um manual de instrução para a prática de assaltos, sequestros e homicídios”, isto é, dizia que o clipe fazia o delito de apologia ao crime, desmerecendo a obra de rap como se fossem simples narrativas que elogiavam os bandidos e exaltavam o crime. Além de incitação ao crime, os *rappers* foram denunciados por propagação de racismo e de discriminação, como afirma o promotor no programa de televisão da Sônia Abrão na época: o videoclipe “[...] tem um efeito nefasto de reforçar um preconceito

que nós consideramos odioso, intolerável [...] que associam a imagem o jovem de periferia pobre, marginalizado, negro, a figura de um criminoso em potencial”. (CARDOSO, 2000)³

Entretanto, o *rapper* Eduardo sempre falou que não desanimaria com a tentativa de criminalizar o seu discurso e as suas músicas, assim o grupo *Facção Central* não se calou com a tentativa de censura e de silenciamento mediante órgãos de controle social. Dessa forma, Eduardo comenta indignadamente, na gravação do CD ao vivo, em 2005, sobre o caso do álbum oficialmente proibido e sobre a acusação de apologia ao crime:

Mano, eu canto com quatro caixão preto lacrado no peito, e sei que muitos de vocês cantam também. É por isso que o rap, ele jamais pode se omitir, mano. O Facção fica entre a cruz e a espada, entre ser covarde e fingir que, mano, a gente vive num mar de rosas ou falar a real e ser acusado de apologia ao crime. Mano, se é apologia ao crime falar que as crianças passa fome, que muitos de nós não tem sequer dez centavos pra comprar um pão, que muitos de nós tão morrendo fumando *crack*, que muitos de nós tão morrendo trocando tiro com a polícia, então, que se foda: Facção vai fazer apologia ao crime. (FACÇÃO Central ao vivo, 2005)

Sendo assim, o *Facção Central* tenta convencer os seus ouvintes e seguidores a respeito da legitimidade que as suas letras/narrativas apresentam, visto que o grupo estabelece a transposição do **real** – que presenciam em seu cotidiano – para a sua obra ficcional, cheia de imagens e palavras que representam a **realidade** em si. Portanto, a polêmica da censura do álbum foi um marco paradoxal na carreira do *Facção Central*: pelo lado negativo, o controle social efetuado pelo Estado após a preocupação e o medo de certos setores sociais, indicando que, segundo a visão deles, a divulgação do videoclipe aumentaria a violência consideravelmente e incitaria os pobres e os marginais da sociedade a cometer crimes, principalmente contra a burguesia; esquecendo que o aumento dos homicídios e da violência se deu pela diminuição de programas sociais do Estado, pelo aumento das desigualdades sociais, enfim pelo avanço da onda neoliberal. Por outro lado, a polêmica foi positiva para *Facção Central*, pois colocou o grupo em evidência, tornando-o conhecido e reconhecido, fundamentalmente para ouvintes e apoiadores da cena rap brasileira. Além disso, *Facção Central* lançou, em 2001, o álbum *A Marcha Fúnebre Prossegue*, posterior ao álbum censurado, o qual lançou respostas à polêmica judicial e continuou com suas críticas afiadas acerca da **realidade** e da vida social dos periféricos, além do ataque às classes de elite, consideradas os grandes responsáveis da desigualdade social, como pode perceber no trecho de abertura da música *A Guerra não vai Acabar*: “Aí promotor, o pesadelo voltou / Censurou

³ Entrevista do Promotor de Justiça de São Paulo, ao Programa de televisão *A Tarde é Sua*, da REDE TV.

o clipe, mas a guerra não acabou / Ainda tem defunto a cada 13 minutos / da cidade entre as 15 mais violentas do mundo / A classe rica ainda dita a moda do inferno.” (A MARCHA..., 2001).

Após essa apresentação geral do conjunto de rap *Facção Central* e de seu contexto socioeconômico, o próximo capítulo analisará as letras das composições do grupo com o objetivo de apresentar a **realidade** da periferia na perspectiva das “crônicas de guerra” do próprio morador da periferia que (con)vive e (sobre)vive em um ambiente tão hostil, violento e opressor conforme os aspectos sociais, econômicos e políticos.

5 A REALIDADE DA PERIFERIA E SUAS ORIGENS CONFORME *FACÇÃO CENTRAL*

O rap, trazido pelo *Facção Central* e no geral, é uma manifestação popular que traz informações acerca dos acontecimentos e dos eventos cotidianos de um determinado lugar em um determinado tempo (**aqui e agora**), tornando-se um importante depoimento para preencher as lacunas da historiografia, muitas vezes olhada e estudada apenas pelo ponto de vista dominante. Assim, o rap, como arte da periferia, traz à tona suas representações e suas interpretações da **realidade** em que vivem, atribuindo em suas letras e levando aos seus ouvintes toda a dramaticidade que o próprio periférico sente e experimenta ao vivenciar essa realidade.

A **realidade** encontrada na periferia é “[...] cáustica, genocida e favelizadora” (TADDEO, 2012, p. 13). Conforme a visão social de suas letras, o *Facção Central* estabelece que a realidade da periferia brasileira dos grandes centros urbanos vive uma permanente guerra, a qual envolve todos os setores sociais da sociedade no seu dia-a-dia, resultando em litros de sangue de suas vítimas (majoritariamente, pobres e marginalizados) que escorrem dia e noite por ruas e vielas, porém essa guerra não é declarada oficialmente pelo poder público.

As músicas do *Facção Central* são relatos e narrativas que trazem cenas dos conflitos sociais e sanguinários da sociedade brasileira, além de exprimir os sentimentos e a indignação da população, principalmente da parcela pobre e excluída das periferias “em meio à malandragem, polícia, drogas, violência, enterros e velórios”, situação comparada ao inferno e ao submundo por ser regiões inóspitas, onde nenhum ser humano deveria, nem gostaria de habitar por haver tamanha degradação humana em sua realidade. Por isso, a enfática afirmação que, inclusive, nomeia o segundo álbum: *Estamos de Luto*; ou seja, a periferia está de luto permanente por conviver diariamente com a presença inescrupulosa da morte. Ao transmitir a guerra não declarada, as letras e as representações das composições do grupo são violentas, transgressoras e, muitas vezes, precárias, porque traduzem as mazelas sociais e a rotina vivenciadas pela população da periferia, que trazem muita violência e precariedade, ditadas pela consequência da desigualdade social e da exploração econômica. Se os moradores da periferia recebem violência, o *Facção Central*, como porta-voz periférica, pratica o revide social (CAMARGOS, 2017) também de maneira violenta e agressiva, apesar de que as representações presentes nas letras assustam bem menos que a realidade

presenciada, por isso o discurso é uma mescla de ódio, raiva e frustração, resultado da falta de oportunidades para os moradores da periferia:

Queria só rimar choro de alegria
 Mas na favela não tem piscina, armário com comida
 É só gambé gritando “deita!” pro mano de escopeta
 Que na fita do pagamento fuzilou o dono da empresa
 O cuzão que não concorda com o holocausto brasileiro
 Vive no condomínio, limpa o rabo com dinheiro
 Quer o sangue do ladrão, bebendo o seu uísque
 Protegido na ilusão da grade da suíte[...]
 Não vou rimar felicidade no meu rap
 Se aqui, filho da puta, a marcha fúnebre prossegue
 A paz tá morta, desfigurada no IML[...]
 Meu relato é sanguinário, playboy não vai curtir
 Sou homem pra falar que o moleque do pipa
 Esquecido um dia troca tiro com a polícia
 Não simulo sentimento pra vender CD
 Não vou falar de paz vendo a vítima morrer. (A MARCHA..., 2001)

Ou, ainda, no trecho da música *A Guerra não vai Acabar*:

Facção é só o retrato da guerra civil brasileira
 Da carnificina rotineira
 Assusta menos que o menor muito louco
 Espalhando seu miolo pelo visor do caixa eletrônico. (A MARCHA..., 2001)

De acordo com o grupo, a periferia convive com uma guerra e com um genocídio sem piedade e sem compaixão em uma versão verde e amarela do holocausto do povo judeu no período da Segunda Guerra Mundial, em vista que os segmentos sociais visto como inferiores são execrados, perseguidos e exterminados pelas forças de repressão controladas pelo Estado e pelos órgãos institucionais do poder público, estabelecendo que as regiões periféricas presenciam a realidade como se fosse um barril de pólvora que explode diariamente, visto que a quantidade de homicídios, detenções em massa, preconceito e segregação racial e social aumentam assustadoramente. O perfil das vítimas desse genocídio já é bem estabelecido: jovem, pobre, negro e morador da periferia.

Entretanto, no imaginário coletivo brasileiro, o massacre genocida do povo da periferia é velado, sutil e indireto, transformado e naturalizado como um problema de segurança pública e de violência urbana, em nome de causas como os motivos individuais em ocorrências e em situações cotidianas das grandes cidades brasileiras relacionadas, no geral, à criminalidade. Por isso, a população, como um todo, não enxerga que há uma cultura de

extermínio institucionalizada, a qual é praticada pelos agentes da polícia e aprovada pela ampla maioria da sociedade civil, com o propósito de manter os pobres e marginalizados sob o controle do Estado e assegurar a manutenção da ordem estabelecida. Essa cultura da matança aos pobres é coroada pela grande existência de políticas públicas que pretendem terminar com a criminalidade (principalmente, ligada às drogas), o que resulta em um grande avanço da violência estatal nas regiões mais desassistidas e carentes da sociedade brasileira. Portanto, a elite política e econômica do Brasil, com suas políticas públicas voltadas para o mercado financeiro, estabelece, como aponta Loïc Wacquant, uma verdadeira “[...] ditadura sobre os pobres”, indicando que o país, baseado nas políticas dos Estados Unidos, desenvolve:

[...] o Estado penal para responder às desordens suscitadas pela desregulamentação da economia, pela dessocialização do trabalho assalariado e pela pauperização relativa e absoluta de amplos contingentes do proletariado urbano, aumentando os meios, a amplitude e a intensidade da intervenção do aparelho policial e judiciário. (WACQUANT, 2001, p. 10)

Esse crescimento do Estado penal, representativo de um Estado neoliberal e da ideologia de mercado, reforça que deve haver maiores investimentos para acabar de uma vez por todas com a criminalidade, fundamentalmente na militarização em questões de segurança e na implementação de leis mais rígidas, mas o resultado dessas políticas agrava mais a situação caótica da segurança pública, já que a criminalidade e a violência ultrapassam os limites da periferia e chegam aos bairros de segmentos sociais mais abastados, como mostra a letra da música *Hoje Deus anda Blindado*, do álbum *Direto do Campo de Extermínio*:

O cuzão quer pena de morte, prisão perpétua
 Acha que com menor cumprindo [pena] como adulto
 Não vai ter na CNN político do Brasil com furo
 Aposta na repressão, na polícia hostil
 Um gambé me torturando num terreno baldio
 Enquanto era pobre desfigurado no caixão preto
 Vale o ditado: no cu dos outros é refresco
 Só que o vulcão explodiu, entrou em erupção
 E a lava que correu foi derreter a sua mansão. (DIRETO..., 2003)

Com essas políticas socioeconômicas, no entanto, os investimentos para um Estado mais social e democrático tornam-se escassos, aumentando consideravelmente a desigualdade social, a precarização dos serviços públicos em benefício da proteção social para toda a sociedade civil, além do aumento, da criminalidade, da insegurança e da “indústria do medo”, gerando assim rentáveis lucros para a classe dominante. De acordo com Wacquant, há

três grandes razões para o fortalecimento da penalização dos pobres no Brasil, que estão relacionados à história do país e à subordinação que o país apresenta na “estrutura das relações econômicas internacionais”. São eles:

1. “As disparidades sociais e a pobreza de massa;
2. A utilização rotineira da letalidade pela polícia militar; e
3. A estratificação etnorracial e a discriminação baseada na cor.”

(WACQUANT, 2001, p.8)

Vale salientar a curiosidade que, nos anos 1990, a discussão em debates públicos sobre segurança pública e desigualdade social só começou a acontecer pelo fato da violência urbana alastrar-se para além das fronteiras da periferia e chegar a bairros, onde a elites burguesas habitam, como é caso que ficou conhecido como o Arrastão, que houve “em 18 de outubro de 1992, um domingo de sol, uma série de brigas e roubos ocorridos nas praias cariocas [...] veiculados nos jornais de grande circulação e pela mídia televisiva” (D’ANDREA, 2013, p. 55). Ou seja, mostra-se a grande hipocrisia do poder público brasileiro no combate à violência, visto que, quando os ricos sofrem da violência, o Estado tem a emergência de resolver o problema, encarcerando ou exterminando os culpados, geralmente pobres criminosos; porém, já quando os pobres e marginalizados sofrem da violência, o Estado é negligente e omissivo, deixando muitos criminosos culpados impunes dentro de uma frágil investigação.

Resultado da forma de governar da elite brasileira, o principal reflexo que a **realidade da vida cotidiana** na periferia sofre é a violência e a exploração. Estas são as principais ferramentas utilizadas pelos donos do poder e das riquezas para garantir o controle absoluto da massa, além de negar direitos civis básicos (moradia, saúde, saneamento básico e outros problemas estruturais), assistência pública ou qualquer apoio oficial para pagamento de custos acerca da educação e do sustento dos moradores da periferia. Sendo assim, é comum os moradores da periferia presenciarem nas paisagens periféricas diversas formas de violência no seu cotidiano:

Barulhos de tiros e gritos que ressoam na mente em forma de trauma, a lembrança da mãe pedindo esmola no sinaleiro, do pai alcoólatra que batia nos filhos ou mesmo a ausência perene deste pai, as agressões à esposa, o vício do filho em drogas, a não recusa da filha em vender seu corpo como objeto sexual para sobreviver, as memórias do desemprego e subemprego, o convívio diário com um meio em, que muitas vezes, os únicos que possuem maior poder aquisitivo são traficantes de armas, drogas, contrabandeio de produtos, bem como estelionatários e alguns assaltantes. (GOMES, 2018, p.51)

A periferia convive em sua realidade com cenas de dor e desespero constantemente, além de apresentar fortes cenas de extrema pobreza, famílias desestruturadas, pessoas com fome, sujas e mal vestidas, mendigos pedindo esmola, assassinatos, tiroteios, repressões policiais, crianças com armas na mão para cuidar da boca de tráfico, enfim, um lugar onde reina o caos e os escombros de uma guerra perpetrada pelo próprio Estado, renegando aos moradores carentes da periferia a sua situação de cidadãos e cidadãs, garantido na Constituição Federal de 1988; porém, os direitos, na prática, não são garantidos, já que os periféricos vivem, de certa forma, exilados dentro dos limites da periferia em condições socioeconômicas absolutamente precárias. O *Facção Central*, ao se deparar com essa realidade violenta, faz rimas e arte com denúncia, como na música *A Minha Voz está no Ar*:

Eu sou o sangue e o defunto no chão da favela
 A oração da tia sem comida
 O mendigo com a perna cheia de ferida
 Eu rimo o ladrão que mata o playboy
 O viciado que toma tiro do gambé do GOE
 O detento que corta o pescoço do refém
 O alcoólatra no bar bebendo 51 também
 Canto a história do traficante
 Do ladrão no banco bebendo seu sangue
 Do moleque com a testa no muro da Febem
 Do nordestino tomando sopa na 70
 Canto o corpo que boia decomposto no rio [...]
 Falo do mano com a PT carregada
 Que por porra nenhuma te mata
 Da criança vendendo seu corpo por nada
 Da família que come farinha com água
 O humilde brasileiro aqui da periferia
 Que usa tênis da barraca, camisa da galeria
 Canta pro moleque com fome, sem conforto. (VERSOS..., 1999)

Como se não bastasse o genocídio e a decomposição física dos humildes, a **realidade** periférica engloba a exploração e a destruição simbólica dos habitantes das vilas e favelas, tratados com total indiferença social do poder público. Violência é residir em moradias precárias e clandestinas; violência é ser alfabetizado em escolas sem infraestrutura adequada e sem professores; violência é não ter acesso a um hospital com tratamento digno; violência é não receber julgamentos justos por estar entre os oprimidos; violência é ser preso

injustamente por ser negro, como é o caso da prisão relacionado a protestos (único caso) do ex-catador de latas Rafael Braga, em 2013, no Rio de Janeiro, por portar uma garrafa de desinfetante.

Além disso, são apenas oferecidos, aos pobres, papéis sociais inferiores e coadjuvantes no processo de construção da sociedade, ou seja, os marginalizados “ganham” geralmente cargos de empregos e subempregos mal remunerados – muitas vezes em condições de trabalho insalubres - em subordinação às pessoas mais abastadas, ademais estes cidadãos desempenham funções que levam a ganhar a sua renda em trabalhos informais ou em trabalhos ilícitos com nenhuma significação econômica, sem renda fixa e sem direitos trabalhistas garantidos por lei, como: comércio de produtos nos semáforos (doces, salgados, água, frutas, refrigerantes, etc), trabalho doméstico, prostituição, tráfico de drogas e assalto. A violência estrutural do sistema capitalista aos pobres da sociedade civil brasileira não para por aí! As pessoas que vivem à margem dessa sociedade são vítimas de graves ataques de discriminação, visto que sofrem diariamente injúrias, difamações e calúnias, carregadas com o peso do estigma social e despidas, nas atividades sociais, de sua natureza humana (baseada na cultura discriminatória), já que são vistas com nojo, ódio e indiferença pela sua cor de pele ou pelo local onde vivem, como se fosse uma sujeira que deveria ser apagada do mapa urbano. À vista disso, os periféricos não possuem voz dentro da sociedade, não gozam do direito de opinar, de participar e de fazer decisões em relação à organização política e econômica de sua classe, ficando sujeitos a posturas e ações dos políticos que governam e fazem, comumente, as leis conforme os seus privilégios, esquecendo que há seres humanos – cidadãos e cidadãs - em estado de miserabilidade nas comunidades periféricas, contudo, vale salientar que a violência é utilizada, pelo rap, como um benefício ao ser transformada e apropriada como uma ferramenta de afirmação e de inclusão dos periféricos na sociedade. Assim, *Facção Central*, na música *Vidas em Branco*, apela:

Ei Brasil, no barraco lá no morro
Existem seres humanos e não cachorros
Respeite e terá um cidadão
Desrespeite e o boy sente meu ódio sem compaixão
Quem leva tiro dá tiro sem dó
Tira a comida do meu prato é clã, clã, pum! Virou pó
Sem dor, sem pena, não faz diferença
Quem planta esquecimento colhe violência. (VERSOS..., 1999)

A denúncia da violência, resultado do descaso social, continua, na música *Um Lugar de Decomposição*:

Descaso da sociedade, olhos fechados dos políticos
 Esquecimento a uma classe que se destrói,
 Defunto na rua, IML, crianças comendo lixo,
 Homicídio, polícia, cadeia super lotada, o retrato de um país falido.
 (ESTAMOS..., 1998)

As razões e as explicações de haver uma onda tão grande de violência física e simbólica no Brasil sobre as pessoas que moram na periferia são diversas. Podem-se elencar muitos fatores, presentes ainda hoje no sistema social brasileiro, que realmente influenciam e, portanto, colocam mais pólvora nesse barril incendiário chamado periferia: injustiça social, sensação de impunidade, práticas comuns de corrupção, política praticada como negócio, grande número de desempregados, a manipulação e a desinformação praticada pelas elites, alta taxa de alienação, a falta de acesso e de permanência na educação, pouco incentivo à cultura e, principalmente, a falta de investimentos em políticas públicas e ações afirmativas para um real desenvolvimento da sociedade como um todo. No entanto, percebe-se, portanto, que os principais responsáveis pela propagação das “condições estruturais e sistêmica” (GOMES, 2018) da violência na realidade da periferia não sofrem, nem são atingidos cotidianamente pelo terror desta violência, pelo contrário eles moram em mansões fortificadas de luxo e são protegidos por um esquema de alta segurança.

O conjunto do *Facção Central*, ao expor essas desigualdades sociais da sociedade brasileira, contrapõe as distintas realidades vivenciadas pelas classes dos pobres e das elites, expressando claramente uma dicotomia entre o que seria “nós” - os periféricos - e “eles” - as elites, estas são consideradas inimigas dos moradores da periferia por manter seus privilégios de classe e gozar de boas condições de vida, repletas de opulências e esbanjamentos. Com a voz do oprimido em primeira pessoa em diálogo com o opressor, *Facção Central* apresenta as diferenças das realidades desiguais, na música *Tensão*:

Diferente de você não tenho BMW
 Só um cômodo no barranco que com a chuva tá soterrado
 Teu filho vai pra escola com vigia, detector
 Enquanto o meu não tem aula nem professor
 Vai ser sequestrador, vai matar polícia
 E ainda adolescente vai pra mesa do legista
 Não uso grife, sapato italiano
 Eu não tô na moda nem etiqueta tem nos meus pano
 O sonho da minha coroa era me ver com diploma e bíblia
 Mas o Brasil me deu o cano que faz teu parente virar carniça. (A
 MARCHA..., 2001)

Continua, na canção *Eu tô fazendo o que o sistema quer*:

Pra mim não tem Cherokee, nem iate
 Nem restaurante cinco estrelas, nem Audi
 Eu só como lixo, tomo tiro de investigador
 Enquanto o boy tem clube de campo,
 Conta no exterior. (A MARCHA..., 2001)

Destaca-se, portanto, a luta de classes entre opressores e oprimidos, baseada na exploração da miserabilidade de muitas pessoas com a ajuda dos aparatos de repressão policiais e do aparato jurídico. Eduardo, ex-líder do *Facção Central*, aponta em seu livro *A Guerra não declarada na visão de um favelado, vol I*, que, embora a violência faça parte do ser humano, “[...] os boys e os favelados são seres completamente distintos. Vou mais longe: trata-se de duas espécies diferentes” (TADDEO, 2012, p. 27), visto que, segundo ele, os oprimidos não conhecem o significado do poder, da dominação e da exploração, ao passo que os opressores são capazes de pensar muitas maneiras violentas e opressoras para preservar, obcecadamente, os seus interesses lucrativos, como: escravizar, explorar, destruir o meio ambiente, causar prejuízos à saúde pública, dizimar povos inteiros, massacrar uma massa de inocentes, extinguir animais selvagens e assim por diante. Além disso, Eduardo afirma que o único vínculo, que une os dois polos sociais da luta de classes, é o “laço frio do interesse”. (TADDEO, 2012, p. 40)

Dessa forma, muitos periféricos, como seres sociais oprimidos, ao se depararem com a dura **realidade** da falta de oportunidades sociais e do alto poder de consumo como prestígio social que eles não têm acesso, vão procurar a saída para a tão esperada ascensão social através de atividades ilícitas ligadas à criminalidade, como: assaltos, tráfico de drogas, formação de quadrilha, estelionato, homicídios para alavancar o seu poder, etc; fazendo transgressões do código penal para obter o consumo que é ofertado impulsivamente via meios de comunicação (TVs, rádios e outros) e para buscar os seus direitos civis básicos e fundamentais para um ser humano poder viver dignamente em sociedade, já que, mediante os estudos e o trabalho, pode ser uma falsidade melhorar as condições de vida quanto pior o indivíduo estiver mais à margem social. *Facção Central* explora, em diversas letras de músicas, narrativas de vida no crime e de trajetórias de criminosos, explorando a relação dos sujeitos com o poder que a criminalidade oferece, com o tráfico, com a polícia e, inclusive, com ricos poderosos em troca de interesses. A letra mais famosa e conhecida sobre esse assunto é a música *O Menino do Morro*, do álbum *Direto do Campo de Extermínio* (2003),

que relata a vida de um garoto da periferia que, ao invés de virar mais um número de estatística do governo, transformou-se em um grande traficante de drogas com alto poder aquisitivo como expõe claramente o refrão:

O menino do morro virou deus
 O poderoso chefão, a majestade
 O teste da guerra ele venceu
 Subiu uma escada de sangue pra primeira classe (DIRETO..., 2003)

Segundo o *Facção Central*, é a partir da existência de situações reais de extrema violência estatal e de miséria (falta de recursos estruturais) que influenciam os periféricos a entrarem para o mundo do crime, sendo a burguesia o seu principal alvo, como as seguintes letras evidenciam:

Isso aqui é uma Guerra:

Aqui é outro brasileiro transformado em monstro
 Semianalfabeto, armado e perigoso
 Querendo sua corrente de ouro
 Atacando seu pulso, atacando seu bolso
 Pronto pra atirar e pronto pra matar
 Vai se foder, descarrega essa PT
 Mata o filho do boy como o Brasil quer ver
 Esfrega na cara sua panela vazia
 Exige seus direitos com o sangue da vadia
 È a lei da natureza, quem tem fome mata
 Na selva é o animal, na rua é empresário inconsequente
 Insano doente
 O Brasil me estimula a atirar no gerente
 Aqui não é novela, não tem amor na tela. (VERSOS, 1999)

Enterro de um Santo:

Cansei de ser um pobre inútil, homem favelado
 Agora eu sou o ladrão que com o revólver na mão
 Deixa sua cabeça em pedaços
 Queria leite pro neném, comida na panela, um caderno pra escola
 Me deram uma semiautomática, 13 tiros no pente. (VERSOS..., 1999)

Ou, ainda, para finalizar, na música *Dia Comum*:

O moleque esquecido no fundão da periferia
Vai cansar de pedir esmola, de não ver comida na panela
De ver sua mãe só de camiseta furada, chinelo
Chorando com seus irmãos famintos no sol
Vai arrumar um revólver
Tentar resolver seus problemas através do sangue da cabeça
De um gerente de banco
E vai ser mais um favelado
No caixão preto doado, sem flores e sem velório
Infelizmente, a marcha fúnebre prossegue. (A MARCHA..., 2001)

Cabe ressaltar que muitas dessas letras do *Facção Central* são acusadas de fazer apologia ao crime e de exaltar a vida bandida, porém essas letras trazem uma **realidade** que é pouco ilustrada em canções da música brasileira e, além disso, os relatos são para não incentivar a entrada de jovens da periferia para a criminalidade e para pacificar o convívio entre os habitantes periféricos, visto que os resultados da vida bandida não são atraentes, muitos menos beneficiam com o aumento do poder, como é o exemplo do “menino do morro”, citado anteriormente. Ou seja, a criminalidade traz, geralmente, duas soluções trágicas para o indivíduo que escolhe esse caminho: a prisão ou a morte. Por isso, o *Facção Central* sugere que o caminho da educação, do trabalho, da cultura e da autoconscientização são melhores alternativas para mudar essa triste realidade periférica e não fazer o que o “sistema quer”. A música que fala disso explicitamente e tem um nome contraditório à sua mensagem ironicamente é *Apologia ao Crime*, falando diretamente aos periféricos:

Esquece a doze, o cachimbo, a rica cheia de joia [...]
 Não seja só mais um número de estatística
 Um corpo no bar, vítima de outra chacina
 É embaçado saber que a propaganda na TV
 De carro, casa própria não foi feita pra você
 Saber que pra ter arroz, feijão, frango no forno
 Tem que pegar um oitão e desfigurar um corpo
 Entendo o motivo, sou fruto da favela
 Sei bem qual a dor de não ter nada na panela
 De dividir um cômodo de dois metros em cinco
 Um quarto sem luz, água, sem sorriso
 Só que, truta, o crime é dor na delegacia
 Choque, solidão, agonia
 Te dão uma [arma] 1.40 com silenciador e mira
 Pra você estraçalhar com o caixa da padaria
 Da mercearia, drogaria
 Pra que um dia sua família reze sua missa de sétimo dia
 O boy de rolex, Cherokee vidro fumê
 É armadilha do sistema pra matar você [...]
 Só que o conforto não vem através do revólver
 Do sangue da refém milionária temendo a morte
 O gambé não quer saber o seu motivo
 Quer sua cabeça na parede igual um porco abatido
 Não interessa se é pro remédio da sua mãe
 Pra fumar crack ou beber champanhe
 Se invadir o condomínio gritando assalto
 Caiu na armadilha, até no teto vai ter seus pedaços. (A MARCHA..., 2001)

Essa música, *Apologia ao Crime*, mostra toda a indignação do *Facção Central* em relação ao sistema capitalista e termina com uma das afirmações mais belas e emocionantes de todas as letras quilométricas do grupo, que expressa qual é o meio mais adequado para uma transformação social mais sólida: “O sistema tem que chorar, mas não com você matando na rua / O sistema tem que chorar vendo a sua formatura.” (A MARCHA..., 2001).

Toda essa **realidade** de violência e criminalidade nas periferias brasileiras é resultado de um processo histórico brutal, ao qual colocam-se, nessa bagagem da história do Brasil, terríveis fenômenos sociais que deixaram uma nefasta herança para o país, cita-se aqui, principalmente, dois, baseados no autoritarismo, no ódio e na discriminação: a escravidão (1500-1888) e a ditadura militar (1964-1985). Por isso, é necessário que os cidadãos e cidadãs que vivem à margem da sociedade saibam de sua verdadeira história para querer reparar as injustiças social e cultural que perduram na realidade periférica até os dias de hoje.

Primeiramente, a escravidão tem seu ponto de partida desde a chegada dos portugueses às terras do “Novo Mundo”, os quais precisaram submeter, à sua dominação e às suas armas, povos inteiros à força para realizar o trabalho de exploração natural e econômica

do novo “paraíso descoberto”, no qual já viviam milhares de tribos indígenas. No decorrer dos mais de trezentos anos de escravidão no Brasil, além de dizimar e escravizar brutalmente os índios, o negro africano teve um papel, por imposição do branco, fundamental:

o papel do negro escravo foi decisivo para o começo da história econômica de um país fundado, como era o caso o Brasil, sob o signo do parasitismo imperialista. Sem o escravo, a estrutura econômica do país jamais teria existido. O africano escravizado construiu as fundações da nova sociedade com a flexão e a quebra da sua espinha dorsal, quando ao mesmo tempo seu trabalho significava a própria espinha dorsal daquela colônia. Ele plantou, alimentou e colheu a riqueza material do país para o desfrute exclusivo da aristocracia branca. Tanto nas plantações de cana-de-açúcar e café e na mineração, quanto nas cidades, o africano incorporava as mãos e os pés das classes dirigentes que não se autodegradavam em ocupações vis como aqueles do trabalho braçal. (NASCIMENTO, 2017, p. 59)

A violência contra o negro escravizado era constante e totalmente cruel, visto que os escravos eram submetidos a um excessivo trabalho pesado, recebiam torturas e castigos físicos, além de viverem em situações degradantes sem nenhuma liberdade. Contudo, contra essa máxima punitiva, os africanos rebelavam-se de diversas maneiras em protesto às condições impostas pelas classes dirigentes, como: a fuga, o suicídio, o crime, a rebeldia e a rejeição ao trabalho e à vontade de viver para definhar até a morte – esta conhecida como *banzo*. Dessa forma, as revoltas e a rebeldia dos negros conceberam diversos refúgios como lugares de resistência em lugares afastados dentro das matas – os quilombos - sendo o maior e mais conhecido: Quilombo dos Palmares, de grande líder Zumbi. Resultado dessas rebeliões e de discussões abolicionistas na época, longe de ser uma benevolência da monarquia, a abolição foi decretada formal e juridicamente com a assinatura da Lei Áurea em 1888, porém a lei simplesmente abolia a escravidão no país e ponto final, logo não havia nada na lei que previa a reinserção dos ex-escravos à sociedade, o direito à cidadania ou a igualdade e a ascensão social, deixando os africanos e seus descendentes à margem da sociedade. Essa atitude livrou de responsabilidades o Estado brasileiro, as elites e, inclusive, a igreja (grande apoiadora da escravidão), portanto:

a emancipação jurídica não emancipou qualquer cidadão negro da condição de subalterno, imposta pelo dominador! Ela formalizou a entrega de milhões de vítimas à própria sorte, as sentenciando às favelas, aos subempregos, ao desemprego, à mendicância, ao iletramento operacional, à delinquência, ao banco dos réus, às instituições prisionais, aos níveis precários de saúde e aos calamitosos índices de mortalidade. (TADDEO, 2012, p.136)

Com tudo isso, a herança da escravidão para a **realidade social** brasileira foi a formação e exclusão dos negros em cortiços e favelas, o racismo, a hostilização e a condenação dos negros pelo caráter etnorracial, o patriarcalismo, a subordinação econômica de países hegemônicos, a desinformação, o patrimonialismo, o autoritarismo e a concentração de riquezas e das políticas governamentais nas mãos das oligarquias elitistas, tendo o total controle social das massas. Assim, as elites dominantes, após colocar os negros na “escravidão em liberdade” (NASCIMENTO, 2017), tiveram o cinismo de colocar a culpa do problema racial nos negros, vistos como uma etnia inferior aos brancos; por isso, as classes dirigentes brasileiras propagaram o método do branqueamento da sociedade brasileira que, mediante a manipulação e a dominação, pretendia maquiagem o país **de branco** pelo viés da cor de pele, da cultura e da psicologia do brasileiro, inclusive houve o incentivo à imigração dos europeus brancos para serem incorporados ao mercado de trabalho, segregando cada vez mais os negros, cheios de estigma pela cor da sua pele. Portanto, o Brasil é um país que a maioria de sua população é negra, porém quem manda e governa é a minoria branca pela imposição da força e pela dominação ideológica, incrustadas de preconceito e corrupção que caracterizam as instituições arcaicas que representam o Estado.

Por fim, a ditadura militar brasileira, baseada no comando da sociedade pelas forças militares, agravou a cultura da violência institucionalizada, gerando um grave índice de impunidade, visto que os responsáveis pelos crimes cometidos contra os direitos humanos não eram punidos, nem condenados, ou seja, a ditadura militar continuou com a dinâmica homicida da chacina e da repressão contra seus opositores para a manutenção da ordem social. Além disso, para agravar mais a situação, as instituições militares apresentam um grande distanciamento da sociedade civil, uma organização profundamente belicosa e uma hierarquia totalmente vertical. Sendo assim, a ditadura militar brasileira deixou uma terrível herança para a **realidade social** do país e para **realidade da vida cotidiana**, principalmente voltada às periferias, espaço que sofre diariamente, até hoje, pela militarização e pelo autoritarismo da Polícia Militar (entidade criada em 1969 para auxiliar o exército). Essa herança autoritária acarreta em uma tendência, praticada pelos agentes do Estado e baseada na abordagem violenta e no uso da letalidade, totalmente preconceituosa do aparato policial sobre os negros, o que reproduz, em nome da pacificação social, “o caráter de classe e o elitismo das suas instituições, agentes esses cuja sociabilidade é perpassada pela sociabilidade brasileira com seus racismos e contradições.” (PESSÔA, 2017, p. 10), resultando no aumento da segregação socioespacial e na legitimação da chacina de negros e pobres nas periferias, perpetrada pela guerra não declarada aos favelados.

Mesmo após a eleição pelo viés do jogo democrático, o aumento da violência policial contra pobres e negros nas periferias brasileiras é alarmante, já que a atuação das polícias militares nesses locais gera diversos casos de extermínios, assassinatos e chacinas com frieza e brutalidade e com utilização, inclusive, de torturas às vítimas. Em muitos casos de morte de um cidadão à margem nas periferias, a justificativa utilizada comumente pela polícia é a prática do ato de resistência, que indica que o suposto bandido foi morto por colocar a vida do agente policial em risco, porém há comprovações que, na maioria desses casos, houve uma execução sumária, dessa forma:

Essas mortes revelam certo padrão: há um extermínio sistemático de jovens entre 16 e 24 anos, de sexo masculino, sempre pobres e habitantes das periferias das grandes cidades; os jovens assassinados estão, em geral, em lugares públicos – bares, calçadas, imediações de supermercados – e se descreve que um pequeno incidente – discussão, roubo de produtos alimentícios de baixo valor etc – desencadeia uma perseguição policial que culmina com o assassinato desses jovens [...] (RYGON ; FRANÇA, 2014, p. 202-203)

Para o grupo de rap *Facção Central*, a polícia, assim como as elites, é inimiga dos moradores da periferia por ser a ponta de lança do Estado, fazer o trabalho sujo de matar as pessoas negras e pobres sob a concepção de “bandido bom é bandido morto”, a qual a sociedade civil aprova, porém essa concepção vale somente para a eliminação das pessoas supérfluas e marginalizadas (vistas como bandidas) do jogo social, visto que essa atividade é praticada com o objetivo de limpar, revitalizar e pacificar a cidade e a sociedade como um todo. Com isso, o *Facção Central* condena a atitude de policiais que atuam nas periferias, através da música *Conversando com os Mortos*, visto que a maioria deles agem nesses locais dos centros urbanos em prol de interesses próprios e com uma bruta militarização, como é o exemplo das unidades operacionais GOE e ROTA de São Paulo:

O cão de farda ser condecorado porque metralhou você [...]
 Primeiro descarrega, depois levanta a ficha [...]
 A polícia é a raposa caçando o coelho
 Vi enquadrar dois que desapareceram
 Tiraram o direito de outra mãe velar o seu filho
 Vai pro túmulo com a dúvida: morreu ou tá vivo
 Periferia é campo fértil para “brota” história trágica. (DIRETO..., 2003)

Além das polícias, os esquadrões da morte e as milícias, integradas por policiais, bombeiros, “civis justiceiros”, agentes penitenciários, são forças paramilitares que atuam à sombra do Estado (mas ligadas aos poderes deste). Em um enfrentamento ao tráfico de drogas

e aos seus inimigos políticos, essas forças atuam na realidade periférica dentro uma concepção militarizada e autoritária e aplicam, com o argumento de realizar a segurança do local, uma limpeza étnica e social, além de fazer a caradura em usurpar os moradores e os comerciantes com altas taxas por serviços básicos e em desenvolver atividades ilícitas. Ademais, as milícias agem no campo político, visto que elas financiam campanhas políticas até elegerem os seus candidatos.

Com esse complexo de violência militarizada aos despossuídos, o resultado do problema (e interfere na realidade periférica) é o encarceramento em massa de negros e pobres no país: basta ver e analisar os números estatísticos da população carcerária brasileira. *Facção Central* lamenta o problema do aprisionamento dos “manos”, feito pelo sistema capitalista no Brasil, através da música *Quando é que vão olhar para o Inferno*:

Mas que porra de país é esse
 Que mata, prende as vítimas de seu desinteresse
 Atrás das grades, milhares de manos morou
 Mas são os manos das favela que ninguém olhou
 Ali tá preso um moleque sem ensino digno
 Um mano que não teve um emprego no mínimo
 Cansei de ver a consequência do esquecimento
 Miséria, oitão, sepultamento
 E quantos e quantos viraram detentos. (VERSOS..., 1999)

Para complementar o descaso aos miseráveis, Wacquant explica, em *As Prisões da Miséria*, as condições estruturais e o estado do sistema penitenciário brasileiro que são deploráveis, portanto:

[...]se parecem mais com *campos de concentração de pobres*, ou com empresas públicas de depósito industrial dos dejetos sociais, do que com instituições judiciárias servindo alguma função penalógica – dissuasão, neutralização ou reinserção. O sistema penitenciário brasileiro acumula com efeito as taras das piores jaulas do Terceiro Mundo [...] por sua dimensão e pela indiferença estudada dos políticos e do público: entupimento estorrecedor dos estabelecimentos, o que se traduz por condições de vida e de higiene abomináveis, caracterizadas pela falta de espaço, ar, luz e alimentação [...]; negação de acesso à assistência jurídica e aos cuidados elementares de saúde [...]; violência pandêmica entre detentos, sob forma de maus-tratos, extorsões, sovas, estupros e assassinatos, em razão das superlotação superacentuada, da ausência de separação entre as diversas categorias de criminosos, da inatividade forçada [...] e das carências da supervisão. (WACQUANT, 2001, p. 11).

Além disso, *Facção Central* expõe que as prisões brasileiras não cumprem, de nenhuma maneira, o seu papel de minimizar a criminalidade e não propõe a reinserção dos presos à sociedade, tornando-se, assim, uma verdadeira “escola do crime”, além de criticar o

tratamento preconceituoso que um ex-detento recebe da sociedade; diga-se de passagem, o integrante e atual líder do *Facção Central Dum-Dum* já ficou preso durante três meses por ligação ao tráfico de drogas, mas foi absolvido por falta de provas. Dessa forma, o grupo de rap recita no canto de Dum-Dum, na música *Prisioneiro do Passado*:

o sistema carcerário é fracassado e incompetente, transforma o réu primeiro em reincidente [...]
 O tratamento para ex-detento no Brasil: uma vez no sistema carcerário pra sempre presidiário
 Sou prisioneiro do passado, eu tenho rótulo na testa: presidiário [...]
 Sou ex-detento e cumpri pena, o boy não deixa nem limpar o chão da empresa[...]
 Não fugi do preconceito e que se foda se meu filho tá com fome [...]
 Emprego e confiança ninguém dá pra você depois
 Não tem cursos que nos reempreguem à sociedade, só triplicamos maldade atrás das grades (VERSOS..., 1999)

Portanto, a prisão em massa dos marginalizados funciona como uma “fábrica da miséria”, agravando os males da pobreza, da miserabilidade nas famílias periféricas, além de contribuir para o aumento do preconceito racial e da desigualdade social na realidade brasileira. Ou seja, para a visão dos governantes públicos, não é interessante legislar na elaboração de políticas públicas de inclusão e igualdade para a diminuição das desigualdades sociais, mas sim construir cada vez mais presídios e casas de detenção para trancafiar os seres da miséria para, assim, garantir os seus privilégios políticos e econômicos. Perante essa cruel **realidade**, *Facção Central*, na letra de *Hoje Deus anda de Blindado*, critica a hipocrisia da burguesia, que: “[...] prefere gastar no abrigo antinuclear, no bunker, goma blindada, seu novo lar, enriquecer a indústria da segurança privada, comprar colete a prova de balas do que doar cesta básica”.

Tudo isso é resultado, sobre a realidade dos periféricos e dos oprimidos, do sistema da sociedade capitalista, cuja organização tem os princípios fundamentais de conservar os valores arcaicos e conservadores das classes hegemônicas, as quais comandam todas as instituições públicas e privadas participantes do Estado, dito democrático. Para obter os seus frutos: o lucro, o sistema do capitalismo assassina, encarcera e oculta. O sistema silencia, exclui e oprime. O sistema ganha lucros rentáveis com a mercantilização do medo e da violência, assim a guerra não declarada deve ser um estado permanente na realidade da vida cotidiana das periferias, estas, em contrapartida, são culpadas e criminalizadas; vítimas de um jogo sujo (decorrente do processo histórico) praticado pelos responsáveis da desigualdade social: as classes dirigentes. Esse jogo das elites é perverso e desigual. O jogo

do Estado é uma política desonesta e racista, que explora o povo pobre da sociedade. Assim, Eduardo afirma que:

Jamais foi ou será uma intenção do Estado converter um excluído pelas desigualdades em uma pessoa que pensa por si própria, debate, questiona, se opõe, se revolta, analisa, pondera e manifesta ideias de justiça. Dentro do ideário de nossos reguladores comportamentais, os indigentes têm de formar um rebanho homogêneo e uniforme de cordeirinhos amansados, aptos para pastarem por toda a vida com o seu comportamento dócil, sob as ervas daninhas das informações e dogmas pré-estabelecidos. (TADDEO, 2012, p. 106)

E Marx tinha razão, eles – os capitalistas - venceram. Em razão dessa tese, as letras do *Facção Central* expressam recorrentemente os sentimentos de desilusão e desesperança, apesar disso os membros do grupo de rap, na busca por uma reviravolta desse jogo fracassado, acreditam veementemente que não estão fazendo o que o “sistema quer”, pois eles soltam a voz, oprimida, de periféricos para os periféricos, na música *Chico Xavier do Gueto*: “Aí, desempregado, doente, órfão, faminto, mendigo, detento, viciado, menor de rua ou sem ilusão / Não importa quem é você, se você tem periferia no peito, você é parte de mais um capítulo de nossa história.” (DIRETO..., 2003). Esta voz grita por paz, por igualdade, por respeito, por melhores condições de vida. Gritam por conscientização, por valorização, por informação. Gritam por educação, por cultura e por saúde. Gritam por uma sociedade democrática, os tornando “sujeitos periféricos” dessa triste e cruel **realidade**.

Portanto, o *Facção Central*, em sua letras que criticam acidamente o sistema do capital, apresenta somente o propósito de revolucionar as precárias condições de miséria e pobreza na **realidade** periférica, indicando alguns conselhos e soluções para resolver o problema. Fundamentalmente, o *Facção Central* busca com sua músicas uma absoluta reformulação social, que comece com a garantia, aos moradores da periferia, dos direitos de cidadania, de liberdade, de dignidade e igualdade social, fazendo que o povo (conhecendo a sua história) construa uma ampla frente popular para questionar e combater a forma de organização socioeconômica, política, cultural e educacional dos atuais chefes de governo. Para isso, o *Facção Central* apoia-se principalmente na questão educacional, visível na música *Vidas em Branco*, visto que:

Um país se faz pela educação
 Quem planta arma colhe corpo no chão
 Temos que acreditar na favela, no cortiço
 Chega de morrer por migalha, de mofar em presídios
 Dá um tempo de presidiário e defunto
 Quero diploma, jovens dignos sem algemas no pulso. (VERSOS..., 1999).

Ou ainda, para além da educação, a conquista do emprego é uma alternativa, evidenciada na canção *A Minha Voz está no Ar*:

A única campanha que eu faço é pro ensino
E pro meu povo se manter vivo
Não enquadrar o boy de carro importado
Abaixar o revólver, procurar um trabalho. (VERSOS..., 1999)

Dessa forma, de acordo com o *Facção Central*, o fim da guerra diária nas periferias está relacionada a uma sociedade mais justa e democrática, onde deve haver uma redistribuição de renda, uma reforma no sistema educacional e na geração de mais oportunidades para a ascensão social, intelectual e profissional para todos cidadãos e cidadãs deste país. Porém, o Brasil parece estar indo para o caminho contrário.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha pesquisa mostrou que a **realidade** da periferia convive, ainda hoje, com a situação de uma guerra civil e de um genocídio do povo marginalizado, resultando em milhares de mortes a cada ano, como se pode ver nas estatísticas de segurança pública e nos mapas da violência. Pode-se ver no discurso do *Facção Central* que essa realidade é marcada pela precariedade material e simbólica dos periféricos, decorrente de um autoritarismo e de uma violência das instituições, dos governantes, das elites, da imprensa e dos órgãos policiais de repressão que aplicam, sobre a sociedade, uma verdadeira “ditadura aos pobres”. Portanto, a perifeira é o principal alvo da repressão governamental, jurídica e policial como se nesses espaços urbanos estivessem somente a escória e os dejetos sociais que deveriam ser aniquilados e, o pior de tudo, a sociedade civil apoia e aprova essa chacina com o argumento que estão enfrentando a criminalidade, porém quem mais sofrerá as consequências dessa guerra será a população periférica, que em sua maioria, diga-se de passagem, não tem relações com atividades ilícitas, ou seja, são trabalhadores humildes, que enfrentam a sua pesada rotina de exploração da força de trabalho por empresários, ganham baixos salários e convivem com a miséria e a pobreza.

Ao invés de investir inúmeras políticas públicas na periferia para a melhoria dessa realidade, o Brasil, neste ano de 2018, presenciou dois indícios que promete consolidar essa “caça” aos marginais: a intervenção militar no Rio de Janeiro, assinada pelo golpista Michel Temer, e a eleição de Jair Bolsonaro para a Presidência da República. Estes dois fatos devem preocupar a periferia, visto que haverá a intensificação de operações militares nas favelas e nas vilas do país, ou seja, a periferia não terá o seu descanso, nem a pomba branca da paz voará pelos céus periféricos. Quantos inocentes devem morrer para haver uma grande mobilização social de ordem nacional e para tirar a população brasileira dessa apatia que envolve todos os setores sociais?

Por isso, será importante fazer uma transformação sólida dessa **realidade**: o primeiro passo é dar voz aos periféricos - assim como o rap faz - visto que a periferia não precisa de alguém (de fora) que chegue dizendo as verdades ou o que precisa ser feito para melhorar as condições sociais. Assim, a gente da periferia precisa ser escutada, precisa abrir e ocupar espaços públicos que ecoam as vozes dos marginalizados, precisa desconstruir essa

ideia de política institucionalizada, precisa fazer política na rua e nos territórios de todas as periferias em um amplo debate de classe com o presente e o passado, pois para realizar uma transformação para o futuro, é necessário conhecer o passado e a nossa história.

REFERÊNCIAS

- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CAMARGOS, Roberto. **Rap e política**: percepções da vida social brasileira. São Paulo: Boitempo, 2015.
- CAMARGOS, Roberto. Relatos sanguíneos e sentimentos indigestos no rap de Facção Central. **Música Popular em Revista**, Campinas: ano 5, v. 1, p. 70-94, jul./dez. 2017.
- CARDOSO, Carlos. Sobre o clipe *Isto aqui é uma guerra* do Facção Central. In: A TARDE é Sua com Sônia Abrão. São Paulo: REDETV, 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Jn4yEwcsyvQ>> Acesso em: 15 out.2018.
- CARVALHO, Luiz Maklouf. O bagulho é doido, tá ligado?: entre o crime e a indústria cultural, a viagem dos rappers do Facção Central ao coração do Brasil. **Piauí**, São Paulo, n. 10, jul. 2007. Disponível em:<<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-bagulho-e-doido-ta-ligado/>> Acesso em: 18 out.2018.
- D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação dos sujeitos periféricos**: cultura e política na Periferia de São Paulo. 2013. Tese (Doutorado em Sociologia) -- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- DIRETO do campo de extermínio. [Composição e interpretação]: Facção Central. São Paulo: Face da Morte Produções, 2003. 2 CDs .
- ESTAMOS de luto. [Composição e interpretação]: Facção Central. São Paulo: Sky Blue, 1998. 1 CD.
- FACÇÃO Central ao vivo. [Composição e interpretação]: Facção Central. São Paulo: Sky Blue, 2005. 1 CD.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GARCIA, Walter. Ouvindo Racionais Mc's. **Teresa Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, p. 166-180, 2004.
- GOMES, Matheus de Andrade. “Discurso ou revólver”? “Tá na hora da revolução”? Diálogos anticoloniais e antirracistas entre o grupo de rap Facção Central, Achille Mbembe e Frantz Fanon. **Em Tempos de Histórias**, Brasília: n. 32, p. 44-66, jan./jul. 2018.

KEHL, Maria Rita. Radicais, raciais, racionais: a grande fratria do rap na periferia de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, p. 95-106, 1999.

A MARCHA fúnebre prossegue. [Composição e interpretação]: Facção Central. São Paulo: Discoll Box, 2001. 1 CD.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2017.

PESSÔA, Wilma Lúcia Rodrigues. Violência, racismo e genocídio da juventude negra no Brasil. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL (5., 2017, Vitória-ES) e ENCONTRO NACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL (12., 2017, Vitória-ES). **Anais...** Vitória, 2017.

RYGON, Bruno Silveira; FRANÇA, Leandro Ayres. As periferias brasileiras como espaços de exceção: um genocídio pela violência policial. **Revista Profanações**, Ano 1, n. 2, p. 197-218, jul./dez. 2014.

TADDEO, Carlos Eduardo. **A Guerra não declarada na visão de um favelado**. São Paulo: C. E. Taddeu, 2012.

VERSOS Sangrentos. [Composição e interpretação]: Facção Central. São Paulo: 1DaSul, 1999. 1 CD.

WACQUANT, Loïc. **As Prisões da miséria**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.